

**CENTRO UNIVERSITÁRIO NEWTON PAIVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL

DÉBORA PATRICIA DE SOUZA

**BELO HORIZONTE
JUNHO/2012**

Débora Patrícia De Souza

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL

Monografia apresentada ao curso de Ciências Contábeis, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário Newton Paiva, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis.

Orientadora: Maria Cristina Vaz de Almeida

BELO HORIZONTE

JUNHO/2012

Débora Patrícia de Souza

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL

Monografia apresentada ao curso de Ciências Contábeis, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, do Centro Universitário Newton Paiva, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis.

Maria Cristina Vaz de Almeida (orientadora) – Especialista

Domingo Sávio Alves da Cunha (avaliador) – Mestre

BELO HORIZONTE, 26 DE JUNHO DE 2012.

*Aos meus pais Antônio e Cida, Irmãos, à
minha filha Laura e noivo Diogo. Estes
com o qual compartilho riquezas que o
dinheiro nunca poderá comprar.*

AGRADECIMENTO

A Deus, pelo dom da vida.

À minha filha Laura por me mostrar o porquê da minha existência.

Aos meus pais e irmãos que me ensinaram a sonhar, acreditar e vencer.

Ao meu noivo Diogo pelo carinho e dedicação em todos os momentos.

A Cássia D'Aquino pela colaboração e tamanha atenção cedida neste trabalho.

Aos meus professores pelos ensinamentos.

“O sistema financeiro é formado pelo dinheiro, coisa tão difícil de conseguir e tão fácil gastar por nada. Algumas pessoas aprendem cedo a receber e a gastar responsabilmente, já outras pessoas gastam em vão. Então se quiser se dar bem com o dinheiro e o sistema financeiro, aprenda a lidar com ele não deva nada e se dê bem.”

Laura Menezes de Souza Penido

RESUMO

Em um país onde o hábito de educação financeira não faz parte da realidade de seus habitantes, somado a isso a mídia que aproveita da vulnerabilidade da criança visando a formação de novos consumistas, a forma de como os pais se posiciona em relação ao assunto para com a criança. Tendo na educação financeira uma grande ferramenta que, se aplicada desde cedo, pode construir as bases de uma equilibrada relação com o dinheiro na vida adulta. Diante do contexto este trabalho procurou compreender a importância da educação financeira na vida adulta com a hipótese de que com uma educação financeira na fase de desenvolvimento, a criança terá maiores chances de se tornar um adulto consciente no que tange às suas finanças, e aliada a educação de qualidade formaríamos melhores cidadãos.

Palavras – chave: Educação infantil. Educação financeira. Educação financeira infantil.

LISTA DE QUADROS

1- Truques da publicidade.....	44
2- Características de cada fase.....	.52

LISTA DE SIGLAS

CNC	- Confederação Nacional do Comércio
CONEF	- Comitê Nacional de educação financeira
DSOP	- Diagnosticar, sonhar, orçar, poupar
ECA	- Estatuto da criança e do adolescente
ENEF	- Estratégia Nacional de Educação Financeira
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.2 Problema de pesquisa	13
1.2.1 Hipótese.....	13
1.3 Objetivos	13
1.3.1 Objetivo geral.....	13
1.3.2 Objetivos específicos	13
1.4 Justificativa	14
1.5 Metodologia	16
2 - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL	18
2.1 Surgimento e evolução da educação infantil.....	18
2.2 Educação Infantil no Brasil.....	21
3 - EDUCAÇÃO FINANCEIRA	24
3.1 Evolução Histórica	24
3.2 Conceitos de Educação Financeira.....	27
3.3 Alfabetização financeira	28
3.4 Psicologia da Educação financeira	29
3.4.1 Modelo financeiro.....	30
3.4.2 Modelo de dinheiro	31
4 - EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL	34
4.1 Conceito.....	34
4.2 Por que ensinar?.....	36
4.2.1 Cicatrizar as feridas deixadas pela economia não as passando geração para geração.....	36
4.2.2 Mudança na estrutura familiar e sentimento de culpa dos pais	37
4.2.3 Publicidade e consumo.....	38
4.2.4 Descaracterização do dinheiro	44
4.2.5 Expectativas da medicina e do mercado	44
4.3 Educação financeira nas escolas.....	45

4.3.1 ENEF	46
4.3.2 DSOP	48
4.4 Finanças pessoais	48
5 – BASES PARA UMA RELAÇÃO EQUILIBRADA COM O DINHEIRO	50
5.1 Características de cada fase.....	50
5.2 Princípios	52
5.3 Instrumentos	56
5.3.1 Semanada e mesada.....	56
5.3.2 Livros e jogos.....	58
5.4 A falta de educação financeira na vida adulta.....	59
5.5 Importância da educação financeira na infância	60
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE - Questionário para especialista em educação financeira (Q1).....	70

1 INTRODUÇÃO

O tema educação financeira tem recebido grande destaque nacional e internacional nos últimos anos, como um dos fatores fundamentais a fim de garantir melhor qualidade de vida hoje, conforto no futuro, uma vida financeira saudável e equilibrada.

Muitos pais ainda acreditam que dinheiro não é assunto de criança. Que elas devem se preocupar com os estudos, e que estes, as farão adultos bem sucedidos com um bom emprego e isso basta. Educação financeira não significa ensinar seu filho a economizar, mas sim aprender corretamente o manejo do dinheiro em busca de uma vida melhor.

Conforme Rocha (2008), “quando o indivíduo tem as finanças em ordem, ele toma decisões e enfrenta melhor as adversidades. E isso ajuda não só na vida financeira, mas também nos aspectos familiares.”. Nesse sentido, ao ensinar uma criança a lidar com dinheiro desde pequena, quando adulta terá maiores chances de aprender a administrar o seu salário, a sua vida. Vai saber guardar, guardar pra comprar, guardar pra poupar mais.

Nos países desenvolvidos a educação financeira das crianças cabe às famílias. Às escolas cabe a função de reforçar a formação adquirida em casa. No Brasil ainda há muito que se descobrir, a educação financeira não está presente nem no universo familiar nem tampouco nas escolas (de um modo geral) (D’Aquino, 2007).

A razão disso pode ser explicada pelo fato de que o Brasil passou por oito mudanças de moeda em 52 anos¹ (1942 e 1994), “Desse total, seis aconteceram num intervalo de vinte anos” (D’Aquino, 2008).

¹ Cruzeiro (1942 – 1965); Cruzeiro Novo (1965 – 1970); Cruzeiro (1970 – 1986); Cruzado (1986 – 1989); Cruzado novo (1989 – 1990); Cruzeiro (1990 – 1993); Cruzado Real (1993 – 1994); Real (1º Julho de 1994) D’Aquino (2008, pg. 8)

Uma instabilidade econômica, por anos, fez parte da vida dos brasileiros e muitos ainda continuam amedrontados por esse período. “Numa economia sufocada pela inflação, qualquer tentativa de planejamento financeiro tinha resultados frágeis e desanimadores” D’Aquino (2008, pg.9).

Também deve ser mencionada a inflação que assombrou o país. De manhã um preço e a tarde outro, fez com que as pessoas criassem o hábito do “comprar agora” antes que os preços mudem novamente. “Uma consequência herdada do período de inflação foi a ausência de uma educação financeira sólida em nossa formação”. (D’Aquino, 2008, pg. 9). Por esses motivos, se falar em educação financeira nos dias de hoje pode ser considerado como algo novo que precisa ser introduzido o quanto antes na sociedade para quebrar o vicioso círculo de pai para filho.

Mas, muita coisa mudou, o Brasil vive hoje uma estabilidade econômica onde se falar em educação financeira é essencial e vantajoso (D’Aquino, 2008). Conforme D’Aquino (2003) quem não sabe lidar com dinheiro não o saberá ganhando R\$200,00, R\$2.000,00 ou R\$20.000,00. Independente da quantia, os problemas seguirão aparecendo e, quase sempre, com gravidade cada vez maior. Saber ganhar, gastar e poupar, tudo isso sob o signo da ética, são habilidades que todos nós precisamos desenvolver, de modo a manter em equilíbrio nossas vidas. Como não aprendemos, precisamos agora esforçar-nos em dobro para ensiná – la a nossos filhos”.(D’Aquino, 2008, p. 9)

Sabendo que, situações que envolvem dinheiro a criança e o jovem vivenciam questões ligadas à ética, disciplina e alto controle, que a sociedade brasileira não está habilitada a lidar com finanças corretamente, e da provável importância da educação financeira para reverter esta situação, faz-se o presente trabalho, identificar a importância da educação financeira na fase de desenvolvimento.

1.2 Problema de pesquisa

Tomando como base uma sociedade não habituada a lidar adequadamente com suas finanças, os transtornos decorrentes disso na economia e na vida do cidadão, é fundamental que se atente a uma educação financeira para reverter este quadro. Diante do exposto, busca-se responder a seguinte questão: Qual a importância da educação financeira na infância?

1.2.1 Hipótese

Diante do exposto, é possível formular a hipótese de que a educação financeira, na fase de desenvolvimento, pode contribuir para uma relação equilibrada com o dinheiro, proporcionando à criança maiores chances de se tornar um adulto consciente no que tange às suas finanças e aliada a educação de qualidade formaríamos melhores cidadãos.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

- Identificar a importância da educação financeira para crianças e de que maneira isso pode contribuir na vida adulta.

1.3.2 Objetivos específicos

- Descrever o porquê da necessidade da educação financeira

- Descrever a importância da educação financeira na infância
- Identificar seu possível reflexo na vida adulta

1.4 Justificativa

Este trabalho de conclusão de curso busca identificar a importância da educação financeira para crianças. Conforme D'Aquino (2008, pg.11), as bases do modelo financeiro são construídos, por volta, da idade de 5 anos. O modo como manejamos nossa vida financeira foi, em larga escala, construído a partir do que ouvimos; deixamos de ouvir do que vimos ou deixamos de ver nossos pais fazerem ou dizerem a respeito do dinheiro (D'Aquino, 2008).

O mundo mudou inclusive no que diz respeito a dinheiro. Este esta ligado a nossas vidas do instante em que nascemos e, ao passo que crescemos, se apresenta cada vez mais presente no que diz respeito a nossa qualidade de vida. As crianças são apresentadas a esse mundo capitalista cada vez mais cedo, e, como em tudo na vida, só aprendemos a respeitar quando conhecemos, aprender a valorizar o dinheiro enquanto criança faz-se necessário. Segundo Cerbasi (2011. p. 17), "começar cedo e de forma correta educar os filhos sobre dinheiro, pode diferenciar um milionário de um endividado".

As crianças brasileiras são as que passam mais tempo diante da TV no mundo. Ela permanece três horas e trinta minutos por dia diante da televisão, de acordo com pesquisa da Eurodata TV Woldlwide, divulgada em 2005 na França (apud D'Aquino, 2008, pg. 118). A publicidade, mais que ninguém, sabe disso e, por esse motivo, usam propagandas com bichinhos, falando uma linguagem infantil porque hoje se sabe que 80% da influência de compra dentro de uma casa vêm das crianças (Caldas, 2011). E isso, em todos os sentidos como decisões das famílias sobre a compra de carros, alimentos, produtos eletrônicos, roupas, isso mostra o quanto os palpites da criançada influenciam o orçamento familiar. No Brasil existem leis que regulam a publicidade direcionada para crianças (D'Aquino, 2003). Porém, o que mais se vê são propagandas de todas as formas feitas diretamente para elas.

A influência de compra está cada vez mais direcionada para crianças que, por sua vez, querem comprar tudo que vê, criando um ser consumista que será um jovem e adulto com sérios problemas financeiros e pessoais. Contribuição a isso é a publicidade (Caldas, 2011)

Praticar o consumo consciente é fundamental, pois movimentando a economia, gera empregos, preserva o meio ambiente. Já o consumismo, além de ser uma ameaça ao nosso bolso, é também um dos grandes vilões, do meio ambiente. Do ponto de vista da natureza, a sociedade de consumo em que a gente vive hoje é insustentável (Pereira, et al, 2009). Mas se tem mesmo uma coisa que não se pode esquecer é que antes mesmo de sermos consumidores nós somos parte do planeta. Portanto a forma como consumimos nos afeta diretamente.

O assunto educação financeira no Brasil é algo novo. A história do país é marcada por uma constante instabilidade econômica e pela inflação. Esta época onde se falar em educação financeira era totalmente fora do contexto se deu há pouco tempo atrás. Como não tivemos essa educação e carregamos as cicatrizes desta história, devemos ter total atenção para não fazermos disso um círculo vicioso, passando isso aos nossos filhos, pois, é algo que, nos dias atuais, faz toda diferença em suas vidas.

A mudança do modelo família que temos hoje mudou e para o sustento da família, pai e mãe trabalham fora e momentos em família se tornam cada vez mais esporádicos e a criação dos filhos se tornam cada vez mais tercerizadas por babás, creches e escolas. No intuito de cobrir esse buraco deixado devido a sua ausência e diminuir essa culpa, os pais tendem a comprar tudo que os filhos querem. Na cabeça das crianças, o trabalho que afasta seus pais de seu convívio é o preço a pagar para ter muito dinheiro e poder comprar muitas coisas (Cerbasi, 2006).

1.5 Metodologia

A presente monografia utilizou a pesquisa bibliográfica por meio de livros, monografias, teses, artigos e dissertações já publicadas.

Segundo Cervo e Bervian (2002, p.55) a pesquisa bibliográfica explica um problema a partir de referencias teóricas publicados em documentos.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (Gil, 2002, p.45)

Foi utilizada a pesquisa documental por meio de folhetos, revistas, entrevistas, internet, programas de TV.

De acordo com Gil (2002, p.45) a diferença da pesquisa bibliográfica da documental é que a primeira se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a segunda vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Ainda conforme Gil (2002, p.46), as vantagens da pesquisa documental são que os documentos constituem fonte de rica e estável de dados; O custo da pesquisa torna-se significativamente baixo, pois só depende do tempo do pesquisador e não exige contrato com os sujeitos da pesquisa.

Também foi realizada uma pesquisa de campo qualitativa através de entrevistas com especialistas da área.

Para a consecução dos objetivos desta pesquisa é apresentado a evolução da educação infantil que servirá como base para a educação financeira infantil; A

história da educação financeira, conceito, o período inflacionário vivido no país, contextualizar o papel da família em sua construção.

Em seguida é abordado para que se faz necessário a educação financeira infantil: Conceito, mudanças na estrutura familiar, influências externas; Analisado de que forma a educação financeira influencia a vida da criança, e seu possível impacto na vida adulta.

Por fim, apresentado entrevista realizada com especialista que atua diretamente com a educação financeira infantil que dará sustentabilidade à hipótese: “Com uma educação financeira na fase de desenvolvimento, a criança terá maiores chances de se tornar um adulto consciente no que tange às suas finanças”, aliada a educação de qualidade formaríamos melhores cidadãos.

2 - HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Surgimento e evolução da educação infantil

Por séculos, a educação infantil² era de responsabilidade das famílias. Segundo Craidy e Kaercher (2007, pg. 13) era junto aos adultos e outras crianças com as quais convivia que a criança aprendia a se tornar membro deste grupo, a participar das tradições que eram importantes e dominar os conhecimentos que eram necessários para a sua sobrevivência e para enfrentar as exigências da vida adulta.

O período feudal foi marcado pelo árduo trabalho sem descanso. Segundo Rousseau (Drouet, 1997, p. 11, apud Lima³ 2009) desde a Idade Média até o século XVIII a criança era vista como 'um adulto em miniatura'. Um ser que sabia menos, ignorante, e não um ser que tinha estrutura de pensamento diferente do adulto. Assim sendo, as crianças, não fugiam a essa regra, e trabalhavam como tal eram vistas, ou seja, pequenos adultos.

Com o desenvolvimento das cidades e dos comércios (Século XIII), surge a classe burguesa, trazendo maior preocupação no bem estar, educação e saúde às crianças vindos da assistência social (Pereira, et al, 2009).

Segundo Lima (2009), "A burguesia, a fim de firmar seu posicionamento frente à sociedade, deixou de obedecer as determinações da igreja, buscando novas estratégias para reivindicar formas mais concretas de vida, por isso, era necessário recorrer a uma educação que lhes desse condições de dominar a natureza.". Se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a

2 Educação infantil é primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB 9394/96, Art. 29).

3 Sandra Vaz de Lima, graduada em Letras/ Inglês. Especialista em Educação Especial e Psicopedagogia Clínica/institucional. Atua na área de Educação Especial e Educação Infantil

importância que foi dada ao momento específico da infância (Craidy e Kaercher, 2007, pg. 13).

Assim sendo, o percurso da educação infantil começou a partir do momento em que a sociedade passou a pensar o que é ser criança e a importância do momento infância na vida adulta, entre os séculos XVI e XVII (Pereira, et al, 2009)

No século XVII havia colégios da igreja, que lecionava a adultos e crianças simultaneamente. Naquela época a Igreja teve importante papel na alfabetização com o intuito de proporcionar a leitura á bíblia e aos ensinamentos religiosos (Pereira, et al, 2009).

Na Europa, a descoberta de novas terras, novos mercados, do desenvolvimento científico e, principalmente a invenção da imprensa que possibilitou e facilitou o acesso a leitura (Pereira, et al, 2009)

Na transição do Feudalismo para o Capitalismo, marcado pela revolução industrial (meados do século XVIII), passou a ser questionado o modo de educação com vistas ás novas ocupações no mercado. Neste período, também o modo de vida que se conhecia, começou a se transformar: As mulheres, que antes possuía a única função de cuidar da casa e dos filhos, começaram a trabalhar, contribuindo para uma nova filosofia de vida no que diz respeito a forma de criar e educar os filhos (Pereira, et al, 2009)

A Revolução Burguesa introduziu a necessidade de elaboração de novos métodos educacionais, adequados à nova ordem social, a burguesia se esforçou por expulsar a igreja dos seus últimos redutos (Lima, 2009).

Surge a preocupação com a educação para crianças de 0 a 6 anos. A educação passa a ser de empírica a pedagógica. Colégios abrem acesso aos filhos de burgueses e classes baixas separadamente. Nesse contexto, a Igreja católica perde espaço no que diz respeito a educação (Pereira, et al, 2009)

Conforme Craidy e Kaercher (2007, P.27):

Outro Fato que precisa ser lembrado é que muitas teorias nesta época também estavam em descrever as crianças, sua natureza moral, suas inclinações boas ou más. Defendiam idéias de que proporcionar educação era, em alguns casos, uma forma de proteger a criança das influências negativas do seu meio e preservar-lhe a inocência, em outros, ainda, a educação dada a criança da ameaça da exploração, em outros, ainda, a educação dada às crianças tinha por objetivo eliminar as suas inclinações para a preguiça, a vagabundagem, que eram considerados características das crianças pobres.

Johann Heinrich Pestalozzi⁴, no século XIX, enfatizou a importância de adequar à educação em função da necessidade de crescimento e desenvolvimento da criança e fez com que os governantes se interessassem pela educação das classes menos favorecidas (Lima, 2009). Para Pestalozzi, a organização da escola era feita da seguinte maneira: uma classe com os que tinham menos de oito anos, outra com os meninos de oito a onze anos e a terceira com os alunos de doze a dezoito anos (Lima, 2009).

Friedrich Froebel⁵, criou os jardins de infância (Kindergartens) e colocou em práticas as idéias de Pestalozzi. Para estes pensadores a pré escola era vista como uma forma de superar a miséria e a indiferença das famílias, uma vez que as crianças destas teriam acesso a ensino e educação, o que lhes proporcionariam um futuro mais promissores e próximos aos das crianças com maior poder aquisitivo (Ferrari , 2011). Segundo Froebel (apud Ferrari, 2011), “por meio da educação, a criança vai se reconhecer como membro vivo do todo.”.

Estes programas educacionais foram aplicados a partir no século XX, após a segunda Guerra Mundial, em consequência da necessidade das mães começarem a ter que trabalhar na fabricação de armas e em outras funções para substituir os homens (Ferrari, 2011).

4 Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em 1746 em Zurique e faleceu em 1827. Como educador , acreditava que os sentimentos tinham o poder de despertar o processo de aprendizagem autônoma na criança.

5 Friedrich Froebel nasceu em Oberweissbach, no sudeste da Alemanha, (1782 – 1852), foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação das pessoas. As técnicas utilizadas até hoje em Educação Infantil devem muito a ele.

Como se pode perceber a educação infantil sempre esteve voltada na preocupação de que as crianças viriam a se tornar, seu papel na sociedade quando adulto, profissão, em um indivíduo produtivo e ajustado às exigências da sociedade.

Para o autor Comênio in Almeida, (2008, apud Lima, 2009), todos os ramos principais que uma árvore virá a ter, ela fá-los despontar do seu tronco, logo nos primeiros anos, de tal maneira que, depois apenas é necessário que eles cresçam e se desenvolvam. Do mesmo modo, todas as coisas, que queremos instruir um homem para utilidade de toda a vida, deverão ser-lhes plantadas logo nesta primeira escola.

Para Sol (2010), a escola é regulada da mesma forma que o mercado de trabalho onde se constata que a nota para o aluno equivale ao salário. Nesse contexto, a escola foi fundada de acordo com os interesses capitalistas e precisa corresponder na produção da “qualificação sujeição” para o mundo da exploração do trabalho. Ideia esta oriunda da revolução industrial.

2.2 Educação Infantil no Brasil

No Brasil, as creches foram consideradas as primeiras formas de educação infantil. No entanto elas davam assistência na alimentação, segurança física e higiene das crianças (Craidy e Kaercher, 2007). A necessidade de creches surgiu em um momento em que as mães começavam a trabalhar fora e não sabiam com que deixar seus filhos. A maioria delas trabalhava em indústrias e em casas de família (Paschoal e Machado, 2009).

Passaram a surgir também os orfanatos e asilos com finalidades assistenciais. Elemento que contribuiu para o surgimento dessas instituições foram as iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados que, apesar do apoio da alta sociedade, tinham como finalidade esconder a vergonha da mãe solteira, já que as crianças “[...] eram sempre filhos de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se

envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado” RIZZO (2003, apud Paschoal⁶ e Machado⁷, 2009, p.5)

Nas pré- escolas públicas não se realizava um trabalho pedagógico, as professoras eram voluntárias e sem instrução. Ao passo que nas pré escolas particulares havia ensino pedagógico voltado para desenvolvimento emocional e racional com professores capacitados (Paschoal e Machado, 2009). Fato este que, até nos dias atuais, é visto grande descompasso.

Do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido (Craidy e Kaercher, 2007).

Em seu art. 227: “É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá- los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão”. Craidy e Kaercher (2007, p.24).

Art 208, inciso IV: “O dever do estado com a educação será efetivado a garantia de atendimento em creche e pré escola às crianças de zero a seis anos de idade.”

Outro importante ponto desta constituição, art. 7º, inciso XXV: “Trabalhadores (homens e mulheres) têm direito à assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até os seis anos de idade em creches e pré escolas”.

6 Jaqueline Delgado Paschoal- Mestre em Educação. Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá/UEM. Docente no Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina.

7 Maria Cristina Gomes Machado - Doutora em Educação. Docente do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá/UEM

Assim sendo, é direito adquirido das crianças, de zero a seis anos, instituições de punho educacional, e não assistencial, como era considerado. No entanto, a partir daí, como a responsabilidade da educação ficou com o estado, os municípios passaram a depender de suas verbas e nem sempre o estado tinha dinheiro suficiente para enviar aos municípios e manter a qualidade nos ensinamentos (Paschoal e Machado, 2009). Aumentando ainda mais o descompasso entre o ensino público do particular.

O Estatuto da criança e do adolescente (ECA), criado pela lei federal 8.069 em 1990 (Dois anos após a Constituição federal de 88), determinou a criação dos conselhos da criança e do adolescente para traçar as diretrizes políticas e dos conselhos tutelares para zelar pelo respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes, dentre eles, à educação, que para as crianças pequenas incluirá o direito a creches e pré escolas (Craidy e Kaercher, 2007, p.25).

A Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB), lei 9.394/96, em seu art. 21/I: Regulamenta a educação infantil, definindo-a como a primeira etapa da educação básica e, em seu art. 29: Tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Craidy e Kaercher, 2007)

Além disso, a LDB determina que as instituições do sistema escolar, incluindo a infantil, tenha um plano pedagógico elaborado pela própria instituição por educadores especializados. Esta lei reconheceu e colocou em prática a educação infantil no Brasil no momento em que esta possibilitou ao sistema de ensino as aplicações dos princípios educacionais na Constituição Federal de 1988 (Craidy e Kaercher, 2007)

Pode-se dizer que a educação infantil, apesar de assegurada em lei, ainda se encontra precária e ineficiente nas instituições públicas de ensino. Mas, ainda assim, analisando o contexto histórico, teve considerável melhoria.

3 - EDUCAÇÃO FINANCEIRA

3.1 Evolução Histórica

Na história da humanidade sempre existiu a necessidade de compra. Mas em uma época onde não existia o dinheiro era utilizado o método da troca. E assim, se trocava o que possuía com o que necessitava. Conforme D'Aquino (2008), inúmeros objetos e utensílios foram usados como dinheiro em diversos momentos da história e em diferentes lugares. Como o bacalhau, chá, penas de avestruz, presas de javali, cacau, ovos, pele de animais, enxadas, chaleiras, fumo, pregos, óleo de oliva, bois, mandíbulas de porco, anzóis, crânios humanos, arroz, moluscos, sal, escravos, marfim, bebidas como vodka, tecidos, fios de lã e de seda, conchas". Um comércio denominado Escambo⁸.

Mais adiante, houve a descoberta dos metais (ouro, cobre e prata) e concluíram que a utilização destes era uma forma mais justa de se valorizar o que se obtinha para comercialização. Foi-se moldando estes metais, escriturando e, na idade média inventou o papel moeda. Os comerciantes da época passaram a guardar seus ouros com os ourives⁹ e recebiam em troca o papel moeda (Pereira, et al, 2009).

A partir do século XIX, nos Estados Unidos houve a construção das rodovias sentido oeste americano que sustentou e concentrou dinheiro e poder nas mãos de poucos. Com esse padrão social, as pessoas se distinguem umas das outras pelo modo de produção (D'Aquino, 2008, pg. 5). Um exemplo, se você for carpinteiro, já seria claro partes da sua vida como, por exemplo, escolaridade, filhos, onde e como você mora, etc...)

Com o desenvolvimento da economia capitalista, no século XIX (como dito anteriormente) a população teve que aprender a sobreviver com poucos e escassos recursos, uma vez que a maior parte das reservas se concentravam nas mãos de

⁸ Escambo é uma troca de bens ou serviços sem uso do dinheiro

⁹ Quem executa ou vende objetos feitos de ouro e de prata.

poucos. Período este que, conforme D'Aquino (2008), querer e precisar passaram a fazer parte da vida das pessoas e era primordial.

Segundo D'Aquino (2008), "O capitalismo esta intimamente ligado ao consumismo da nossa atual sociedade". Nesse sentido, construindo uma filosofia onde o que importa é o que se tem e não o que se é; Uma sociedade que tem que lher dar com tudo que o dinheiro pode proporcionar, que te passa a idéia que dinheiro é como sorvete: Um prazer momentâneo. Que te ensina rapidamente a gastar, mas não te ensina a obter nem tão pouco manter seu dinheiro. Sociedade esta palco de nossas crianças, que desde cedo já sabem o prazer que o dinheiro pode proporcionar mas a maioria delas vão saber o valor do dinheiro somente quando jovens, com seu primeiro salário, alguma dificuldade financeira ou nunca (D'Aquino, 2008).

No Brasil, a educação financeira é algo que pode ser considerado novo para a maioria. Não é hábito dos brasileiros fazer planejamentos financeiros, falar sobre dinheiro, principalmente com criança. Também, o pais mudou de moeda oito vezes em 52 anos (1942 e 1994)¹, seis aconteceram dentro de vinte anos (D'Aquino, 2008, pg.8). Uma instabilidade econômica, por muitos anos, fez parte da vida dos brasileiros que muitos trazem, em suas vidas, reflexos desse passado. "Numa economia sufocada pela inflação, qualquer tentativa de planejamento financeiro tinha resultados frágeis e desanimadores.". D'Aquino (2008, p.9).

Também deve ser mencionada a inflação que assombrou o país. De manhã um preço e a tarde outro, fez com que as pessoas criassem o habito do "comprar agora" antes que os preços mudem novamente. Uma consequência herdada do período de inflação foi a ausência de uma educação financeira sólida em nossa formação. E, como não aprendemos, precisamos agora esforçar-nos em dobro para ensiná – la a nossos filhos (D'Aquino, 2008, p. 9) Por esses motivos, se falar em educação financeira nos dias de hoje pode ser considerado como algo novo.

Segundo Modernell¹⁰ (apud Pereira et al, 2009), o principal marco que propiciou o advento da educação financeira foi o fim da inflação. Assim, anos mais tarde as pessoas perceberam que era importante planejar, entender mais sobre as finanças pessoais, defender-lhes das armadilhas do mercado, organizar as contas da família dentro outros elementos denominados educação financeira.

Há também, na história bíblica, passagens que estão intrínsecas na vida de tantas pessoas. Em Marcos 10:23-25 diz “Então Jesus, olhando em redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! E os discípulos se maravilharam destas suas palavras; mas Jesus, tornando a falar, disse-lhes: Filhos, quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.” E, ainda em Timóteo 6:10 “Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males. Passagens estas enraizadas no modo de educação de muitos da sociedade quando o assunto é dinheiro.

A Constituição Federal, artigo 208, inciso IV, bem como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), afirma que a ação de educação infantil é complementar à da família e comunidade. Nesse sentido, é de responsabilidade dos pais a educação os filhos desde o nascimento, incluindo também, a educação financeira.

Na área legislativa, a aprovação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), foi um ponto onde se constata que, é agora, e pouco a pouco, o Brasil esta dando a devida importância para a educação financeira. Instituída pelo Decreto Nº 7.397 de 22 de dezembro de 2010, possui a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores. Objetivando fomentar a cultura de Educação Financeira no país (que até então não existe); ampliar o nível de

10 Álvaro Modernell, especialista em Educação Financeira, é coordenador do site Edufinanceira, sócio-fundador da Mais Ativos.

compreensão do cidadão para efetuar escolhas conscientes relativas à administração de seus recursos e contribuir para a eficiência e solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização (Site Vida e Dinheiro)

Este projeto se deu pelas mudanças econômicas, sociais e tecnológicas dos últimos anos que têm apontado para a urgência na implementação de ações com o objetivo de educar financeiramente a população, e não apenas no Brasil. No mundo inteiro, o mercado financeiro está cada vez mais sofisticado e novos produtos são oferecidos continuamente ao público (Site Vida e Dinheiro). Assim sendo, responde a uma necessidade atual da sociedade.

É através da Educação Financeira que consumidores e investidores aperfeiçoam sua compreensão dos produtos financeiros e também desenvolvem habilidades e segurança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades financeiras, para fazerem suas escolhas e para saberem onde buscar ajuda, melhorando assim a relação com suas finanças (Site Vida e Dinheiro).

Em 5 de Maio de 2011 foi instituído o Comitê Nacional de educação financeira (CONEF) tem por finalidade promover o ENEF, objetivando a definição de seus planos, programas, ações e coordenar a execução (Site Vida e Dinheiro).

Dentre outras, umas das estratégias do ENEF é o programa Educação financeira nas escolas cujo objetivo é ajudar os alunos a enfrentarem os desafios cotidianos e a realizarem seus sonhos por meio do uso adequado de ferramentas financeiras, contribuindo assim para um futuro melhor não somente para si próprios como também para o país (Site Vida e dinheiro). Isso através de capacitações de professores e livros didáticos. Este programa esta sendo desenvolvido ainda como projeto piloto em algumas instituições.

3.2 Conceitos de Educação Financeira

A educação faz parte de nossas vidas desde o momento em que nascemos. É através dela que aprendemos as normas de nos interagir socialmente e como agir em todos os sentidos de nossa vida. E a educação financeira? O dinheiro também faz parte de nossas vidas desde o momento em que nascemos e é essencial que aprendemos a conviver com ele equilibradamente.

Modernell (2011), conceituada como ensinar a viver dentro do seu padrão econômico, eliminando desperdícios, aproveitando oportunidades, valorizando o próprio patrimônio, gerando rendas e focando no crescimento do patrimônio líquido familiar, para que o padrão se eleve num ciclo virtuoso, dentro das suas expectativas e possibilidades, até atingir a independência financeira.

Há quem pense que a busca por educação financeira se confunde com uma acelerada corrida atrás de riqueza e fortuna. Atrás do primeiro milhão e dos milhões seguintes. Isso é um dos claros sinais da falta de educação financeira. Educação financeira é muito mais do que isso (Modernell, 2011).

Para Hill (2009), educação financeira pode ser denominada como a habilidade que os indivíduos apresentam de fazer escolhas adequadas ao administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de sua vida. Não nascemos com essas habilidades, elas são oriundas do nosso "modelo de dinheiro".

3.3 Alfabetização financeira

Na sociedade atual, o dinheiro é igualado a uma melhor qualidade de vida e segurança. Visto que, quem não possui o mínimo de conhecimento sobre uma correta administração desse instrumento, passará por diversas dificuldades em sua vida.

Kioyosaki (2000), alerta para a importância da alfabetização financeira. Que, além de aprender e entender as letras, é essencial que se entenda também os números.

Segundo Kiyosaki (2000, p. 73), um dos pontos importantes na educação financeira é entender a contabilidade. Nesse sentido, saber distinguir um ativo de um passivo e saber que os ricos adquirem ativos e os pobres e a classe média, passivos. E define: “Um ativo é algo que põe dinheiro no bolso e um passivo é algo que tira dinheiro do bolso.”.

Estou muito preocupado pelo fato de que gente demais se preocupa excessivamente com dinheiro e não com sua maior riqueza, a educação. Se as pessoas estiverem preparadas para serem flexíveis, mantiverem suas mentes abertas e aprenderem, elas se tornarão cada vez mais ricas ao longo dessas mudanças. Se elas pensarem que o dinheiro resolverá seus problemas, receio que Terão dias difíceis. A inteligência resolve problemas e gera dinheiro. O dinheiro sem a inteligência financeira é dinheiro que desaparece depressa. Kiyosaki (2000, p.74)

Segundo Kiyosaki (2000, p. 210), “Na contabilidade não importam os números, mas o que os números contam.”. É como as palavras. Não são as palavras, mas as histórias que elas nos contam. A alfabetização financeira nos permite ler os números e estes contam a história.

Contabilidade é o que chamo de alfabetização financeira. Uma Habilidade vital se você quer construir um império. Quanto mais dinheiro estiver sob sua responsabilidade, mais acuidade é exigida ou a casa desmorona. A alfabetização financeira é a capacidade de ler e entender demonstrações financeiras. Isso lhe permite identificar os pontos fortes e fracos de qualquer negócio . Kiyosaki (2000, p. 125)

A educação financeira envolve muito mais que atingir a independência financeira, habilidade de fazer escolhas adequadas às finanças e os preceitos contábeis. Segundo D’Aquino (2009), seu objetivo é “construir bases para que na vida adulta esta criança venha a lidar bem com o dinheiro.”.

3.4 Psicologia da Educação financeira

Sobre a influência das emoções para as decisões financeiras: Segundo Frankenberg (1999), a primeira delas é aprendida com os acontecimentos da vida, através dos conhecimentos adquiridos e das experiências. Ele cita que somos dependentes de fatores fisiológicos, que pode ser alterado ou influenciado, dependendo das escolhas feitas, e os fatores psicológicos. Esse ultimo é mais complexo, mostra que a relação

que os pais possuem com o dinheiro, tem grande influência nas escolhas dos filhos. Se os pais relacionam com o dinheiro sem controle, não podem cobrar que seus filhos sejam diferentes.

Assim sendo, a ideia que se tem de dinheiro na vida adulta tem a ver com o modelo de dinheiro que tivemos quando criança por isso, educar uma criança é essencial.

3.4.1 Modelo financeiro

O modelo financeiro de uma pessoa consiste numa combinação dos seus pensamentos, sentimentos e das suas ações em questões de dinheiro. Constitui-se, fundamentalmente, da informação ou programação que a pessoa recebeu no passado, sobretudo quando era criança (Eker, 2006).

Sabemos que algumas sociedades têm formas próprias de pensar sobre o dinheiro e de lidar com ele, enquanto outras fazem isso de um modo diferente. Você acredita que a criança sai do ventre da mãe com as atitudes formadas em relação ao dinheiro ou que ela é ensinada a lidar com ele? Acertou: Toda criança é ensinada a pensar e agir no que diz respeito as finanças. (Eker, 2006, p. 25)

Ainda em seu livro, Eker (2006) cita o exemplo de uma árvore: Suponha que seja a árvore da vida. Nela há frutos. Na vida, os frutos são os nossos resultados. Nós olhamos para eles e não gostamos do que vemos, achamos que os frutos que produzimos são poucos, muito pequenos ou que o seu sabor deixa a desejar. É o que fazemos então: A maioria de nós damos mais atenção aos resultados sem se preocupar que eles vem são das sementes e das raízes que os geram. E o que esta embaixo da terra que cria o que esta em cima dela. É o invisível que produz o visível.

Com este exemplo se conclui que deve-se ater as sementes e não apenas aos seus frutos. O modelo de dinheiro é como a semente da árvore. Conforme a qualidade da semente (modelo), os frutos serão gerados (suas habilidades serão formadas e suas escolhas serão, conseqüentemente, positivas).

3.4.2 Modelo de dinheiro

Segundo Eker,(2006), “se existem regras externas para o dinheiro, ha também regras internas.”. As externas envolvem aspectos como conhecimento comercial, administração financeira e estratégias de investimento. Mas não menos fundamental são as regras internas. Elas são formadas de acordo com o modelo financeiro. Este modelo é a ideia que formamos em nossa mente na infância através do que ouvimos e vemos, principalmente dos nossos pais. Mais adiante, será explicado mais profundamente sobre isso.

Eker (2006) acredita na formula: $P \Rightarrow P \Rightarrow S \Rightarrow A = R$. A sua programação conduz aos seus pensamentos, os seus pensamentos conduzem aos seus sentimentos, os seus sentimentos conduzem as suas ações, as suas ações conduzem aos seus resultados.

Segundo Eker (2006), a programação é estabelecida conforme o condicionamento, que se da de três formas: A primeira e a programação verbal: O que você ouvia quando era criança a respeito do dinheiro.

O segundo condicionamento estão nos exemplos vistos pelos nossos pais ou parentes em questão de dinheiro quando criança. A frase Macaco vê, macaco faz, não e tão diferente para nos seres humanos. Aprendemos quase tudo a partir dos exemplos que nos dão quando criança.

E a terceira base de condicionamento são os episódios específicos, as experiências com dinheiro que você obteve, ou presenciou quando criança. Estas moldaram suas crenças, ilusões, que direcionam sua vida. Assim sendo, este “modelo de dinheiro”, é que determinará a sua vida financeira e, conseqüentemente, sua vida como um todo.

É claro que se pode mudar o comportamento em relação ao dinheiro na vida adulta, que os condicionamentos que foram programados na infância podem ser alterados parcialmente, mas, na maioria das vezes, isso ocorre quando se sente necessidade

após passar por uma dificuldade financeira. Daí aprende, da pior maneira possível (aos trancos e barrancos) o valor da alfabetização financeira em suas vidas. Segundo Frankenberg (1999), cada pessoa pode se desenvolver aprender e mudar suas ideias ao longo dos anos.

A pessoa irá aprender sobre o assunto convivendo com feras prontas a lhe devorar, aprendendo com os próprios erros e este despreparo financeiro acarreta dívidas e mais dívidas. Por um lado não se pode culpá-los por isto, pois ele não foi treinado, ensinado como se comportar em tais situações e é aí que vive devendo para o banco em empréstimos, cheque especial e cartão de crédito, gastando mais do que recebe e acha que esta situação é normal (Santos, p. 47).

Segundo Kiyosaki (2000), “As pessoas querem fazer, não querem ser. Esse é o problema. Primeiro você tem que ser uma pessoa rica. Planeje ser rico. Torne-se alfabetizado financeiramente. Esse é o segredo.”. Grande parte das pessoas nunca irá aprender, pois já vão estar acostumados a culpar suas falhas e dificuldades no patrão, que lhe paga pouco, na economia, na bolsa de valores, no governo que lhe consome os impostos, na Cemig que cobra caro pela energia, no banco que cobra juros altíssimos no cheque especial e nos empréstimos, na mulher ou no marido, em Deus e, e claro, nos pais, enfim, a culpa sempre será do outro e não de si mesmo.

Estas pessoas sempre terá uma justificativa como: O dinheiro não é importante assim. Eker (2006), diz que, em suas palestras, sempre que alguém lhe diz isso ele retruca: Você está sem dinheiro? Ora, se você diz a qualquer pessoa que ela não é tão importante assim, ela ficaria muito tempo com você? Claro que não. Se ela não é importante você não vai lhe dar a devida atenção e ficara sem ela. O que todos sabem mas muitos insistem em admitir é que precisamos do dinheiro, ele é importante em nossa vida e que a educação financeira é tão importante quando qualquer educação que obtemos durante nossa vida.

É importante dizer que educação financeira não trata de dinheiro em sua quantidade e sim em sua qualidade. Não importa o quanto se ganha, se não souber administrar de nada vai adiantar. Conforme D'Aquino (2003): Quem não sabe lhe dar com dinheiro não o saberá ganhando R\$200.00, R\$2.000.00 ou R\$20.000.00.

Independente da quantia os problemas seguirão aparecendo e, quase sempre, com gravidade cada vez maior. Sabe ganhar, gastar e poupar, tudo isso sob o signo da ética, são habilidades que todos nos podemos e precisamos desenvolver, de modo a manter em equilíbrio nossas vidas.

Segundo Kioyosaki (2000):

O que é necessário para se fazer dinheiro não é dinheiro, mas alfabetização financeira. Você pode ter muito dinheiro e ainda pensar como uma pessoa pobre. Se você pensa assim, não importa quanto dinheiro você ganhe, você gastará todo ele e terminará pobre.

Modernell (apud Pereira, et al, 2009,) conceitua a educação financeira de duas maneiras: Conceito geral: É um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas e atividades adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros pessoais e, conceito para crianças: São dicas para ajudar as crianças a lidar com o dinheiro, agora e no futuro.

Faz –se o exposto das vantagens de uma educação financeira na infância, como base para os modelos financeiros e de dinheiro, a educação financeira infantil será nosso próximo assunto.

4 - EDUCAÇÃO FINANCEIRA INFANTIL

Desde que surgiu o dinheiro, surgiu a necessidade de se pensar sobre ele. Uma equilibrada relação com o dinheiro é algo que deve ser pensado em nossas vidas. Assim sendo, quanto mais cedo, melhor. Segundo D'Aquino (20068, p.4), "a função da educação financeira infantil deve ser somente criar as bases para que na vida adulta nossos filhos possam ter uma relação saudável, equilibrada e responsável em relação a dinheiro."

4.1 Conceito

Para D'Aquino (2012), "educação financeira é a capacidade, possibilidade de ensinar a criança aqueles quatro pontos que eu uso sempre como referencia. Que ela seja capaz de aprender a ganhar dinheiro, ou seja, que ela seja capaz de resolver problemas, ganhar dinheiro é resolver problemas. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas de alguém, maior o dinheiro que ela possível a ganhar. Ensinar a criança a ser capaz de poupar: Poupar é a capacidade de planejar no tempo a realização de um desejo, se há um benefício nesse adiamento. Ensinar a gastar dinheiro: Gastar dinheiro é fazer escolhas. Então, a educação financeira precisa fazer bom uso do estímulo que as crianças se apercebam das escolhas dessa fase, das consequências dessa escolha. A educação financeira inclui dar as crianças condições de perceberem que elas são capazes de se doar em tempo e talento. Mas tudo isso tem que ser abrigado sob a convicção de que todo ganho e todo uso do dinheiro deve ser regido pela mais estrita ética. É essa convicção que abre portas para todos os outros tratamentos do assunto, todo ganho do dinheiro deve ser regido pela mais absoluta ética."

Já para Modernell (2011), educação financeira deve propiciar que as crianças aprendam a diferenciar necessidades de desejos e a perceber as possibilidades limitadas que o dinheiro pode atender. Elas devem aprender que podem sonhar um futuro financeiro melhor. Mas para realizá-lo, terão que aprender a fazer escolhas, a

aproveitar oportunidades, a buscar formação e informação compatíveis com suas aspirações e muitas vezes a adiar desejos momentâneos para viabilizar a realização de algum objetivo importante. Terão que criar hábitos financeiros saudáveis que as afaste do consumismo desenfreado, mas, ao mesmo tempo, estimule-as a desfrutar dos prazeres que o dinheiro pode oferecer, sem tornarem-se escravas dele.

Modernell, (2011), como exemplo, cita que é como estimular as crianças a aprender a juntar e manter seu próprio dinheiro, para que elas possam comprar um sorvete sempre que queiram, mas que não se sintam tentadas a comprar logo em seguida o segundo, o terceiro ou o sorvete mais caro que houver, acabando com todas suas economias, expondo-as à frustração no dia seguinte de não poder comprar outro sorvete, porque gastaram todo o dinheiro no dia anterior.

É fato que, ler e escrever são importantes em todos os momentos e aspectos da vida (Tanto pessoal quanto profissional). E, é fato também que, aprender isso quando criança será mais vantajoso e proveitoso que aprender na fase adulta. Em todos os momentos da vida a alfabetização será útil: No preparo de uma receita na cozinha, fazer qualquer curso, ler um livro, pegar um ônibus, assinar um documento, etc.

A alfabetização financeira é tão importante quanto, pois, a todo o momento manipulamos o dinheiro. Ele afeta diretamente nossa vida pessoal e, é (para a maioria) a razão da vida profissional. O que vemos freqüentemente são jovens despreparados endividados, sofrendo com o consumismo, sem saber planejar o próprio futuro.

Para Cerbasi (2011), dinheiro deve fazer parte do cotidiano da criança para que não sejam criados bloqueios capazes de dificultar seu uso na vida adulta.

Segundo D'Aquino (2008, p.10)

Educar não é tarefa fácil. Sobretudo quando se trata de educar num cenário em que a ética do consumo, as rápidas transformações dos vínculos familiares e a novidade de viver num ambiente de economia estável se juntam para nos confundir, Todavia, mesmo difícil, cansativa e tantas vezes desnorteadora, a aventura de proteger, formar e emancipar alguém a quem

se quer tão bem não tem paralelo em prazer e amor. Ensinar os filhos a lidar com o dinheiro é parte fundamental nesse processo.

4.2 Por que ensinar?

Por vários fatores, a educação financeira infantil, mais que nunca, precisa ser valorizada. Seja fatores históricos ou externos (como a mídia direcionada à crianças) estas estão crescendo com uma ideia errada do dinheiro que poderá prejudicá-las na fase jovem e, conseqüentemente, adulta.

4.2.1 Cicatrizar as feridas deixadas pela economia não as passando geração para geração

Como já mencionado, a educação financeira no Brasil é algo que pode ser considerado novo para a maioria. Não é hábito dos brasileiros fazer planejamentos financeiros, falar sobre dinheiro, principalmente quando o assunto envolve criança. No passado recente do país, viveu –se períodos inflacionários onde lidar com dinheiro de forma planejada era impossível. Na busca de estabilidade econômica o país mudou de moeda oito vezes em 52 anos (1942 e 1994)¹, "Desse total, seis aconteceram num intervalo de vinte anos" (D'Aquino, 2008). Há 18 anos, as condições que existiam no país não induziam, nem um pouco, a se pensar em educação financeira.

Aliada a isso, fez-se uma economia sufocada pela inflação, onde qualquer tentativa de planejamento financeiro tinha resultados frágeis e desanimadores (D'Aquino, 2008, p.9). Nesse sentido, levando em consideração as mudanças advindas do capitalismo, e a carência de uma alfabetização financeira na história da sociedade brasileira, faz-se necessário maior atenção na educação financeira.

Nossos pais, e muitos de nós mesmos que passamos pelo período de instabilidade econômica ainda carregamos estas "feridas" em nossas vidas financeiras. Passar adiante para as futuras gerações é condená-la ao horror, levando em consideração

as mudanças externas. Segundo D'Aquino (2008, p. 9), "como não aprendemos, precisamos agora esforçar-nos em dobro para ensiná – la a nossos filhos".

Conforme Santos, a ausência da noção básica de dinheiro pode atrapalhar a vida financeira da criança por toda sua vida. Ela pode se formar ser um excelente profissional, ganhar muito dinheiro porem não conseguir administrar sua vida financeira porque no seu berço não foi transmitido tal informação.

Conforme Vilhena¹¹ 2011), "não foi possível ou não sabíamos da importância de cuidar da inteligência financeira de nossos jovens e crianças. Ainda assim, com o tempo ele acabará aprendendo as melhores condutas e os comportamentos financeiros adequados, mas o caminho será mais difícil. Os erros, é claro, sempre ensinam."

4.2.2 Mudança na estrutura familiar e sentimento de culpa dos pais

Os tempos mudaram, para o sustento da família, pai e mãe trabalham fora e momentos em família se tornam cada vez mais esporádicos e a criação dos filhos vão sendo tercerizadas por babás, creches e escolas. No intuito de cobrir esse buraco deixado devido a sua ausência e diminuir essa culpa, os pais tendem a comprar tudo que os filhos querem.

Segundo Cerbasi (2006, p.20), "na cabeça das crianças, o trabalho que afasta seus pais de seu convívio é o preço a pagar para ter muito dinheiro e poder comprar muitas coisas."

11 Bernadette Vilhena: Pedagoga empresarial, consultora em diversas instâncias da prática educativa nas empresas e autora do livro "Dinheirama" (Blogbooks). Especialista em Gestão de Pessoas e estudos nas áreas de Ergologia, Gestão do Conhecimento e Educação no trabalho.

A relação entre pais e filhos pode ficar prejudicada quando o consumismo passa a ser uma medida de amor. Nas palavras de D'Aquino (2008), "de um lado, filhos acostumados a ter tudo quanto peçam e até ao que nem precisaram pedir, já na adolescência tendem a padrões de comportamento que incluem apatia; impulsos auto-destrutivos (notadamente o uso de drogas); baixa resistência a frustrações de todo tipo, além de acentuada imaturidade afetiva. Além disso, a relação com os pais assume termos de chantagem, num jogo perverso em que nunca se sabe ao certo "quem está chantageando quem".

Segundo D'Aquino (2003, p.2), "não dá para perder de vista que no "contrato" de todo filho existe uma cláusula que permite a ele perturbar a cabeça dos pais com pedidos de toda ordem. Isso é direito de filho. Obrigação de pai é fazer valer o bom senso, o que pode implicar em frustrar as exigências das crias, praticamente o tempo todo.". Independente de quanto seja a renda familiar, os pais devem estabelecer e deixar muito claro para os filhos que existem limites para o consumo.

"Paciência, a isso se dá o nome de educar, e é exigência obrigatória de nosso "contrato" como pais. É isso que garantirá, no futuro, filhos equilibrados, responsáveis e maduros em relação ao dinheiro, prontos para tomar as rédeas das próprias vidas.". D'Aquino, (2003, p.3)

"Se eu pudesse eu daria tudo a vocês." Muitos pais dizem isso aos filhos em algum momento da infância. D'Aquino (2008), recomenda essa não ser uma prudente frase pois, o ideal é poder dar e não dar exatamente porque compreende que o fato de refrear o consumo infantil estará ensinando a criança muitas coisas e não apenas em relação ao dinheiro, mas a capacidade dela de compreender, absorver e sobreviver a frustrações e também se planejar ao longo do tempo. Por isso é que é importante os pais terem clareza e suficiente tranquilidade para dizerem não quando julgarem que o consumo é inadequado e improprio ou excessivo.

4.2.3 Publicidade e consumo

Falando em consumo, este é um ponto onde é demonstrado que, a criança precisa ser educada o quanto antes para não cair nas redes do consumismo. Estas, cada vez mais, estão sendo alvos das mídias.

Uma pesquisa realizada pela Eurodata TV Worldwide, em 2005 na França, afirmam que as crianças brasileiras são as que mais assistem TV no mundo (em torno de três horas e trinta e um minutos por dia (D'Aquino, 2008, p. 118).

Segundo Caldas (2011), “Pesquisador americano e fundador do The Consumer Studies Research Network (CSRN), Dan Cook declarou que a infância faz o capitalismo cantarolar e os dados não deixam dúvida: a infância faz a alegria do comércio e, principalmente, de marqueteiros e do mercado publicitário.”.

A mídia coloca bichinhos no meio da propaganda e falam uma linguagem infantil porque sabem que 80% da influência de compra dentro de uma casa vem das crianças (Caldas, 2011). “A geração dos nossos filhos é a primeira a deter, ainda criança quantidade de informações superior à dos pais” D'Aquino (2008, p.119). Quando tem dúvidas perguntam diretamente ao Google.

É importante a criança ter desejos. É que ela não sabe que aquele desejo foi implantado nela, e não um desejo real. A propaganda coloca na sua cabeça que ter aquilo é urgente e, com o poder de transformar produtos superfluos em necessidade produzem crianças capitalistas, que terão grande chance de virem a ser jovens consumistas e materialistas, sempre insatisfeitos com o que se tem e querendo sempre mais.

Caldas (2011), diz que as crianças brasileiras dedicam mais de quatro horas diárias ao entretenimento em frente à televisão (Pesquisa realizada pelo IBOPE, em 2007). “As propagandas também surgem nos celulares, na internet, em outdoors e entre os colegas da escola, expondo a criança a diferentes conteúdos e a um bombardeio diário de produtos e marcas. Desta forma, o momento de diversão ativa foi substituído pela passividade em frente, não só ao televisor, mas também nas telas de celulares, computadores e videogames.” Caldas (2011).

A Nickelodeon (2006), informou em uma pesquisa que a criança brasileira é a mais estressada do mundo. Ela é a que mais sofre os sintomas negativos da globalização, sente-se mais insegura e, principalmente, preocupa-se mais em participar do mundo globalizado e corresponder às expectativas dos pais. Esta pesquisa afirma, mais uma vez, que as nossas crianças são as que mais assistem televisão no mundo (Folha.com, 2006).

Os pais devem conversar com a criança de vez em quando sobre esses desejos porque a publicidade conversa com ela todos os dias. No entanto, com a correria do dia a dia, o tempo dispensado pelas crianças para conversa em casa, ou seja, de interação entre pais e filhos, caiu de 53 minutos, em 1981, para 35 minutos, em 1997. Como os pais não dizem “não” para coisa alguma coisa, as consequências tornam-se previsíveis Sc12hor¹¹ (apud Freitas). O que vemos é que, cada vez que uma criança ganha alguma coisa elas pedem outra, e outra, e outra. Porque isso, simbolicamente, não o que, de fato, elas estão precisando.

A sociedade caminha para a construção da identidade embasada nos bens materiais onde o ter vale mais que o ser. É somente uma questão educacional ou faz parte da sociedade do consumismo? Conforme D’Aquino (2008), as causas se misturam: De um lado, se há um evidente apelo à construção da identidade social a partir do consumo - sou o que consumo -, de outro é preciso admitir que, o Brasil tem sido displicentes ao não preparar adequadamente as crianças para lidar com situações desse tipo. Com isso, criou - se um ciclo em que a educação, além de não se interpor às provocações da sociedade consumista, muitas vezes acaba por reproduzi-las, inclusive na escola.

Interessante observar, por exemplo, a boneca de antigamente era um trabalho de maternagem e hoje é uma projeção. As meninas não querem cuidar e sim ser as boneças. Ao invés de brincar e ser criança, elas querem fazer unha, cabelo, maquiagem, usar saltos.

12 Juliet, Schor, americana, socióloga, especialista em tendência de consumo, autora do recém-lançado livro “Born to buy, (apud Freitas).

A escritora americana Juliet, Schor, em seu livro “Born to buy” (“Nascido para comprar”), no qual não tive a oportunidade de ler, mas tomei conhecimento por outros autores, mostra que:

- As crianças passaram a gastar mais tempo com as compras e reduziram o tempo de atividades como brincar, ver televisão e conversar com os pais. O tempo dedicado pelas crianças às compras era de 1 hora e 52 minutos, em 1981, e elevou-se para 2 horas e 53 minutos, em 1997. (Apud Freitas);
- Nunca se vendeu tanto para crianças de 4 a 12 anos, e elas passaram a ditar regras e a influenciar diretamente suas compras e até as da família. Transformaram-se num dos elos mais importantes estabelecidos entre o mercado e os lares: 40% das crianças urbanas identificam-se com marcas de carros e pelo menos 30% dos pais consultam os filhos antes de optar por um novo automóvel. Influenciam adultos na compra de eletrônicos e carros e na escolha de hotéis. (Apud Freitas);
- A propensão das crianças ao consumo não tem limites. Para se ter uma idéia uma criança de 1 ano e 6 meses já identifica logotipos e antes de completar 2 anos sabe pedir presentes pela marca. (Apud Nicácio¹³);
- Aos 10 anos, os pré-adolescentes têm de 300 a 400 marcas na memória e consome uma quantidade sem precedentes de produtos. Por este fato, os publicitários direcionam –se às crianças e jovens para chegar ao bolso dos pais. (Apud Nicácio).

Sobre a questão de regulamentação da publicidade infantil, existe. No Brasil, os controles e as rigidez são menores que em outros países. Todo cidadão tem o direito de protestar contra o uso de crianças em peças publicitárias que considerem abusivas. Basta acionar o CONAR (Conselho Nacional de Auto-Regulamentação

13 Adriana Nicácio, reporter da revista Isto é

Publicitária) para insistir que a veiculação do anúncio seja suspensa (D'Aquino, 2003).

D'Aquino (2008, p. 115) cita uma pesquisa realizada em 2006 pelo pediatra americano Iman Sharif, do Hospital das Clinicas de Nova York, avaliou em 4.500 estudantes influência do tempo gasto por eles assistindo à televisão ou jogando vídeo game sobre a vida escolar. Os resultados mostram que as crianças que viam mais programas de televisão tinham elevada queda de desempenho, resultado da intensa dificuldade em compreender os conteúdos escolares. Assim sendo, o acesso ilimitado à televisão, pouco a pouco, mina a capacidade intelectual, capacidade esta fundamental para que tenham interesse em buscar um futuro melhor em sua vida, incluindo a parte financeira. Esta pesquisa foi realizada há 6 anos atrás em Nova York, imagine se for realizada nos dias atuais e no Brasil.

As programações destinadas a adultos é um importante ponto a ser abordado (D'Aquino, 2008, p.115). Em muitas famílias, com a tumultuada vida dos pais e (ou) adultos da casa, regular o que a criança pode ou não pode assistir torna-se algo difícil e, em alguns casos, tratado como irrelevante. As novelas, por exemplo, independente do horário, impressiona na forma como é tratado o dinheiro e como isso reflete na cabeça de uma criança.

D'Aquino (2008, p. 115), cita um caso ocorrido: A professora pediu para que os alunos listassem o que o dinheiro não podia comprar. Na hora do debate ela perguntou se o dinheiro compra o amor e uma das alunas, de apenas 6 anos respondeu que sim, que era só botar uns peitões de silicone, arranjar um cara bem rico e deixar que ele compre o amor da gente...

Bom, o fato, infelizmente é, um tanto, comum, pois é isso que é mostrado na telinha e, uma criança sem instrução mínima de dinheiro, acredita e leva isso para sua vida normalmente. Simples assim.

4.2.3.1 Truques da publicidade

A publicidade usa truques para tentar ludibriar o consumidor e é importante que estes sejam conhecidos pelas crianças. D'Aquino (2008, p. 116) explica alguns:

Quadro 1 – Truques da publicidade

“Todo mundo está usando”

Tenta convencer que quem não estiver usando aquele produto está fora da moda.

Uso de celebridades

Passar a idéia de que: Se ele esta usando é porque é bom

“Imagem é tudo”

Uso de lindas paisagens e uma musica no fundo que não tem nada a ver com produto para fazer a ligação deste com o natural.

Apelo emocional

A idéia é manipular o sentimento. Como as propagandas do cartão master card: Tem coisas que o dinheiro não pode comprar, para todas as outras existe Master Card.

Confundir

Tentar induzir o consumidor ao erro. Como as propagandas de pasta dental onde os dentistas dizem que aquele produto é a marca número um em recomendação dos dentistas.

“Meu produto é o melhor”

Mostrar que o produto é melhor que os do concorrente sem explicar nada. Como as propagandas de tênis onde quem vence corrida é sempre a pessoa com o tênis da marca. Ou propaganga de cerveja onde as de outra marca deixam a pessoa quadrada e as da marca sempre sai ganhando (uma moça bem bonita, é claro).

Fonte: D'Aquino 2008, p. 116

Segundo Guiraldelli (1994, p. 239), educar é incorporar as novas técnicas e, mais do que isso, promover a capacidade da leitura crítica das imagens das informações transmitida pela mídia.

4.2.4 Descaracterização do dinheiro

“As crianças tendem a compreender apenas as relações que se dão num plano concreto, palpável.” (D’Aquino 2008, p.88). O dinheiro nos dias atuais passou a ser substituído por cheques, cartões (de crédito e débito). Assim sendo, a materialidade do dinheiro se perde pouco a pouco. Neste contexto, é necessário que a criança entenda como funciona os cartões de crédito e cheques.

Como se não bastasse, as redes desses cartões, de olho nessa juventude consumista, disponibilizam crédito e, de quebra, lhes oferecem empréstimos e facilidades para pagamentos. Com isso, esses jovens se tornam adultos com dificuldades financeiras, sem controle de administrar seu próprio salário porque nunca valorizou o simples ensinamento: “Não posso gastar mais que ganho”. Dificuldades financeiras estas que interferem diretamente na vida em todos os sentidos, tanto da pessoal quanto na profissional.

É complicado lhe dar com o consumo em um mundo onde somos condicionados a consumir desde que nos entendemos por gente. Em primeiro lugar é essencial entender que o vilão da história não é o consumo. “Além de prazeroso, o consumo é necessário, já que traz vigor a economia criando empregos e gerando renda” D’Aquino (2003). O consumo começa a se delinear como problema, a partir do momento em se constitui centro das atenções, valores e energia de nossas vidas, transformando consumo em consumismo D’Aquino (2003). E isso se dá a partir do momento em que não sabemos separar o que é querer ou precisar.

4.2.5 Expectativas da medicina e do mercado

Segundo D’Aquino (2008, p. 14) “A medicina acena que as crianças de hoje viverão até os 120, 130 anos. Sendo assim, há uma maior necessidade de se atentar ao futuro”.

No mercado de trabalho, este, assinala que os nossos filhos exigirão outros roteiros. Notícias alarmam crescente redução no número de vagas em quase todos os setores. Assim sendo, mais gente disputando um número cada vez menor de vagas. (D'Aquino, 2008, p.14).

“É provável que esses jovens vão passar por situações de desemprego” D'Aquino (2012). O mercado de trabalho exige cada vez mais que os jovens sejam capazes resolver problemas. A educação financeira é justamente essa possibilidade de resolver os problemas, de resolver com competência, com eficácia, de maneira consequente com seus interesses.

4.3 Educação financeira nas escolas

Nos países desenvolvidos a educação financeira cabe às famílias. Às escolas cabe a função de reforçar a formação adquirida em casa. No Brasil, a educação financeira não está presente nem no universo familiar nem tampouco nas escolas. Assim, a criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa, nem na escola. As consequências deste fato são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões tanto na vida do cidadão, quanto na do país. (D'AQUINO, 2007)

D'Aquino, (2007), afirma que educação financeira é função dos pais e não da escola. À escola cabe apenas reforçar o que foi aprendido em casa.

Conforme Cerbasi (2011, pg. 34), o arcaico currículo elaborado há décadas esqueceu-se de levar em consideração que o pobre trabalhador, que cresceu numa economia também pobre precisa saber tanto sobre as armadilhas dos juros dos crediários quanto sobre os métodos para extrair as razões de uma equação de terceiro grau.

Kioyosaki (2000) critica o arcaico sistema de ensino: “Nosso sistema escolar, por ter sido criado na época agrária, ainda acredita em casas em alicerces. Chão de terra

batida ainda está na moda. Assim, a garotada sai da escola sem qualquer fundamento financeiro”. E, completa: “Este sistema de ensino não tem conseguido acompanhar o ritmo das mudanças globais e tecnológicas do mundo atual. Temos que ensinar aos jovens as habilidades acadêmicas e financeiras de que precisarão não só para sobreviver, mas para desenvolver-se no mundo com que se deparam.”

“Analfabetismo, tanto de palavras quanto de números, é a base das dificuldades financeiras” Kioyosaki (2000, p. 76). Neste contexto, se há dificuldades com as finanças, é porque alguma coisa não está sendo entendida, sejam palavras, sejam números.

Segundo Kioyosaki (2000, p. 81):

Como os estudantes deixam a escola sem habilidades financeiras, milhões de pessoas instruídas obtêm sucesso em suas profissões mas depois se deparam com dificuldades financeiras. Trabalham muito, mas não progredem. O que falta em sua educação não é saber como ganhar dinheiro, mas como gastá-lo - o que fazer com ele depois de tê-lo ganho. E o que se chama aptidão financeira (que você faz com o dinheiro depois que o ganhou). Uma pessoa pode ser muito instruída, bem-sucedida profissionalmente e ser analfabeta do ponto de vista financeiro. Essas pessoas muitas vezes trabalham mais do que seria necessário porque aprenderam a trabalhar arduamente, mas não como fazer o dinheiro trabalhar para elas.

Neste contexto, se percebe a importância da educação financeira. É importante para a sociedade que se forme profissionais capacitados, mas sem uma educação financeira a vida pessoal deste profissional, por mais bem sucedido que seja profissionalmente, será frustrada.

4.3.1 ENEF

Em algumas escolas particulares a disciplina compõe a grade curricular. Nas públicas, em 2010, o programa do governo ENEF (Estratégia Nacional de educação financeira) implementou o projeto piloto em 900 escolas públicas no Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará, Tocantins, Distrito Federal e Minas Gerais) em 27 mil estudantes (Site Vida e Dinheiro)

Segundo dados divulgados durante workshop da BM&FBOVESPA e Banco Mundial em Maio do ano passado: Na primeira fase, ocorrida em Agosto de 2010, os jovens e seus pais responderam a um questionário com cerca de 150 perguntas a fim de mensurar a percepção de conhecimento e atitudes em relação ao dinheiro. Ficou constatado, por exemplo, que 63,1% dos entrevistados costumam direcionar seus recursos com a compra de roupas, seguido por: lazer (45,7%), lanches (37,1%), alimentação (23,4%) e transporte (18,8%). Ainda na esfera do consumo, o levantamento informou que apenas 61% negociam a forma de pagamento, e 35% dos estudantes não pesquisam modelos ou marcas semelhantes antes de comprar. Os hábitos de poupança também foram avaliados: somente 15,7% costumam guardar dinheiro para projetos futuros (Id.).

Na segunda etapa: Consistiu em introduzir, nas escolas participantes, conceitos de educação financeira a partir de aulas ministradas pelos professores que exploraram situações econômicas ligadas ao cotidiano dos alunos. Contudo, para que existisse uma base de comparação, apenas metade dos jovens recebeu as atividades da ENEF e o material didático correspondente. Quatro meses após esse treinamento, o impacto dos resultados do projeto piloto nas escolas ficou comprovado (Id.).

Quando o estudo comparou os dois grupos, descobriu que os alunos que receberam conceitos financeiros desenvolveram mais habilidades para entender contextos econômicos, como a análise do orçamento familiar, por exemplo. O entendimento sobre o que era inflação, que antes era compreendido por 33% dos entrevistados, atingiu 36% dos alunos que tiveram as aulas da ENEF. “Apesar de as diferenças não serem acentuadas, estamos felizes pelos resultados, pois o Brasil foi o País onde mais se constatou o impacto da educação financeira se comparado com os demais países que passaram por esse mesmo teste”, afirmou Rogelio Marchetti, especialista sênior do Banco Mundial (Id.).

Nesse contexto, a conclusão foi que a inclusão da disciplina Educação Financeira é transformadora na vida dos alunos e de suas famílias. Assim sendo, em 2012, o plano é de que a disciplina passará a ser incluída, de maneira não obrigatória, nas escolas públicas no Brasil no 2º ao 9º ano, incluindo a qualificação dos professores e materiais didáticos aos alunos (Id.).

A inclusão não obrigatória da disciplina nas escolas públicas é um grande salto para a sociedade brasileira e apenas o começo. O simples fato de se passar a ter conscientização da importância desse tema para as crianças mostra que, mesmo lentamente, estamos no caminho certo (À brasileira, mas estamos). Haverá o dia em que a alfabetização financeira passará a ser tratada com a mesma importância que a alfabetização para escrita. Mas este é um longo e demorado caminho a ser percorrido.

Os pais devem se dedicar à educação financeira mesmo que as escolas ensinem as crianças sobre como se deve lidar com o dinheiro e outras escolhas D'Aquino (2008). Neste contexto, educar financeiramente é uma função dos pais.

4.3.2 DSOP

A DSOP é uma organização criada em 2008 pelo educador e terapeuta financeiro Reinaldo Domingos. Tem o objetivo de disseminar a educação financeira no Brasil através do método DSOP (Diagnosticar, sonhar, orçar e poupar), combater de forma eficiente o analfabetismo financeiro ao desenvolver no aluno quatro competências fundamentais para que ele possa lidar com as questões financeiras com segurança e consciência (Site DSOP).

O programa oferece produtos e serviços para pessoas, empresas e instituições de ensino que tenham interesse em ampliar e consolidar os conhecimentos da educação financeira. Hoje 30 escolas (particulares) adotaram o programa nos Estados de Goiânia, Grarujá e Casa Branca (Site DSOP).

4.4 Finanças pessoais

Conforme Santos, as finanças pessoais é a chave para o sucesso financeiro, é muito importante e mal utilizadas em nossas vidas. Ele acredita que deveria ser ensinado

pelos nossos pais desde o momento em que tomamos os primeiros contatos com o mundo financeiro, assim como deveria ter matérias específicas que disciplinassem o assunto desde o primeiro ano de escola até o último ano de faculdade e em todos os cursos, pois qualquer profissional, qualquer pai de família necessita de noções básicas sobre finanças pessoais, pois do contrário sua vida inteira pode ruir

A administração das finanças pessoais é um assunto que deveria começar a ser discutido nas escolas brasileiras. Embora a educação financeira seja um processo trabalhoso, contínuo e complexo, é fundamental para que o ser humano entenda o mundo em que vive e os riscos do sistema financeiro (Rocha, 2008). Nesse sentido é aceitável concluir que quando o indivíduo tem as finanças em ordem, ele toma decisões e enfrenta melhor as adversidades. E isso ajuda não só nos estudos, mas também nos aspectos familiares.

5 – BASES PARA UMA RELAÇÃO EQUILIBRADA COM O DINHEIRO

A mente de uma criança se desenvolve de maneira complexa, absorvendo diariamente milhões de estímulos externos. Os mais eficientes comporão, no futuro, referências e lembranças de medos, motivações, traumas ensinamentos que formarão o raciocínio adulto em seus aspectos racionais e emocionais (Cerbasi, 2011, p. 56). Nesse sentido uma correta educação financeira aliada ao conhecimento, habilidades e atitudes, formará eficientes estímulos que comporão, no futuro, adultos com reflexões racionais e valores pessoais que nos conduzam ao sentimento de termos uma vida equilibrada em todos os sentidos (tanto emocional, pessoal e profissional e quanto financeiro).

5.1 Características de cada fase

Em primeiro lugar é essencial entender que, para cada idade do desenvolvimento, a visão da criança, com relação ao dinheiro muda e, em segundo, conscientizar de que as crianças estão expostas, desde os primeiros anos de vida, a uma cultura consumista e embasada da ideia de que o dinheiro é mais importante que a ética e princípios morais (Cerbasi, 2011). Nesse sentido, é importante a criança ter o conhecimento de acordo com as fases de sua vida.

Cerbasi (2011, p.42), em seus processos de acompanhamentos da educação financeira infantil, montou um quadro onde demonstra as principais características comportamentais em diferentes idades:

QUADRO 2 – Características de cada fase

Idade	Principais características comportamentais	Papel dos pais quanto à educação financeira
-------	--	---

0 a 2 anos	Os desejos não estão associados ao dinheiro, mas o interesse pelas atitudes dos pais é intenso e crescente.	Dar exemplo através de suas atitudes, pois estas serão copiadas pelos filhos e os tornarão mais disciplinados.
3 a 4 anos	A realização de desejos é associada ao ato de comprar, que depende essencialmente da vontade e do dinheiro dos pais.	Evitar banalizar o consumo e estabelecer regras para o uso do dinheiro, como limites orçamentários e datas para celebração e presentes.
5 a 6 anos	Percepção de que é possível interagir com estranhos sem intervenção de adultos.	Cultivar a independência, permitir aos filhos que interajam com vendedores e manipulem dinheiro em compras pequenas.
7 a 10 anos	Percepção de papéis sociais e quantificação de valores, como o aprendizado da matemática.	Conversar sobre dinheiro, trabalho sustento da família, objetivos dos estudos e escolha de profissões.
11 a 14 anos	Percepção das responsabilidades e primeiros conflitos típicos da adolescência.	Cultivar a autonomia, com a prática da mesada ou da oferta de recursos de uso livre pelos filhos. Incluir os filhos nas tarefas de organização financeira familiar.
Acima de 15 anos	Necessidade de assumir papéis típicos de adultos	Conversar sobre temas relacionado à administração pessoal, uso de bancos, incentivos maiores à formação de poupança e desejos versus investimentos necessários.

Fonte: Cerbasi, 2011, p.42.

A presença dos adultos como exemplo na vida da criança, como pode –se observar no quadro acima, é fato em todas as fases da vida da criança. As atitudes dos pais

são o parâmetro mais valioso. A criança notará a incoerência se a mãe negar um tênis novo, mas tiver 300 pares no armário. Ou se o pai fizer um discurso anticonsumista, mas trocar o aparelho de som toda vez ao surgir um novo modelo. (Whitaker¹⁴, apud Freitas). Assim sendo, conclui-se que as crianças aprendem com exemplos.

5.2 Princípios

Cerbasi (2011, p.55), apoia, na fase de ensinamento financeiro infantil, seis princípios:

- Valorizar: Ensinar que o ter não é mais importante que o ser, que as coisas mais importantes e valiosas da vida de qualquer ser humano não custam nada: como carinho, atenção, respeito. Com isso, na fase adulta os sentimentos são mais importantes que o material;
- Celebrar: Presentear constantemente a criança sem que haja realmente uma necessidade da criança, a induz a serem adultos consumistas e insatisfeitos. Crie significado para cada conquista, presenteie somente quando houver motivo ou quando surgir uma “real” necessidade da criança. Assim, no futuro, se formarão jovens sabendo distinguir a diferença entre querer e precisar e não insatisfeitos com tudo, buscando sua satisfação em drogas e afins. Encher a criança de brinquedos não é uma boa estratégia. Ela deve aprender a oportunidade de ocasiões e datas para ganhá-los. Deve perceber não ser possível satisfazer todos os desejos;
- Orçar: A criança sabe que, para consumir ela precisa de dinheiro e trabalhar para ter esse dinheiro. Com o tempo ela vai aprendendo, com os

14 Raquel Caruso Whitaker, psicopedagoga.

adultos, que pode ter mais que seu dinheiro pode comprar através dos financiamentos e empréstimos. Entender o significado da palavra orçar na infância, é estimular o planejamento e controle. Proporcionando uma vida, na fase adulta, a consciência de que, se poupar hoje uma certa quantia por mês, a juros de tantos por cento, daqui a tantos anos eu comprarei uma casa e não precisarei entrar em um financiamento pagando juros absurdos que comeram boa parte do meu salário por 30 anos da minha vida, por exemplo. E que, não preciso ir ao shopping e comprar 20 pares de sapato de uma só vez por que não sou centopeia (absurso? Nem tanto, conheço várias pessoas que fazem isso e depois se arrependem porque o dinheiro do mês não deu pra pagar tudo);

- Investir: Quando os pais valorizam demais o emprego e se esquecem de valorizar os empreendimentos, estão formando adultos que serão, no futuro, escravos do dinheiro. A única forma de enriquecer e ter uma vida tranquila não é somente trabalhando. Usar a sabedoria, aplicando uma parte do salário em algum investimento, é mais acertado. Criança que sabe que o dinheiro poupado cresce sozinho sabe diferenciar duas situações bem distintas encontradas nos bancos: “Juros trabalham para nós, aumentando nossa riqueza, quando usamos os serviços de investimentos dos bancos”. “Nós trabalhamos para os juros diminuindo nossas riquezas quando usamos serviços de empréstimos e financiamentos.”;
- Negociar: Faça de cada compra ao lado de seu filho um evento marcante, diferencie as idas ao shopping a lazer das idas para compras. Recomenda uma postura mais fria e calculista nas situações de consumo. Negociação é a capacidade de convencer um vendedor, na hora da compra, de que o seu real vale mais que o real do outro cliente. Isso acontece somente quando a própria pessoa sabe o real valor do seu dinheiro e a conscientização de que: um real economizado hoje mais um economizado amanhã dão um montante de dois reais (seu dinheiro dobrou);

- Equilibrar: A falta de cada um dos princípios acima é um peso a mais a puxar nossos jovens para o mundo das dificuldades financeiras. No entanto, os excessos podem ser tão danosos quanto a falta. O equilíbrio é aprendido com o tempo. Uma vida financeira saudável inclui capacidade de poupar e também de consumir, ambos em equilíbrio.

Já conforme D'Aquino (2008, p.14) o processo de educar as crianças para lidar com dinheiro deve abarcar quatro grandes áreas:

- Como ganhar: É saber que o dinheiro não vem dos pais e sim do trabalho. É fundamental para as crianças entenderem que ele é recebido em troca de alguma atividade, de algum esforço. Ganhar dinheiro é a capacidade de resolver problemas;
- Como poupar: As crianças devem ser levadas a perceber que o prazer de poupar é semelhante ao que se obtém ao gastar dinheiro. São prazeres complementares. Tomar cuidado com o apego exagerado ao dinheiro que também é prejudicial na fase adulta. Ensinar a reconhecer a dualidade desses prazeres. Como em quase tudo que fiz respeito ao modo de como a mentalidade de uma pessoa é formada, quanto menor a criança, mais fácil será;
- Como gastar: As crianças estão expostas a situação de consumo o tempo todo. Elas precisam saber que consumir é um processo de escolhas com consequências. Ensinar os filhos a discernir as consequências de seguir essa ou aquela opção torna – os responsáveis pelo destino que constroem. Gastar é capacidade de fazer escolhas;
- Como doar: A doação de dinheiro é a forma mais fácil e descomprometida de generosidade. Contudo, é na doação de tempo e talento que se entrega de fato. É essencial ensinar às crianças que o ganho e o uso do dinheiro devem ser obrigatoriamente regulados pelos preceitos da ética e da responsabilidade social. Sem essa condição principal, nada mais do

que seja ensinado em relação ao dinheiro faz qualquer sentido ou vale realmente a pena.

Outros pontos extremamente importantes a serem passados à criança conforme D'Aquino (2008, p. 20), são:

- O valor do dinheiro - Reconhecer e manipular adequadamente moedas e cédulas, ensinar a cuidar das cédulas (não rasgar nem amassar), de onde vem o dinheiro, dinheiro falso;
- Querer e precisar - Ser capaz de distinguir o que compramos porque queremos daquilo que consumimos porque precisamos. A que precisamos devem sempre vir primeiro da que queremos;
- Caro e barato – O simples fato de usar tais expressões na presença da criança já é o bastante. Ensinar, mais adiante se aquele objeto vale realmente o preço que tem;
- O melhor da festa – O melhor da festa é esperar por ela. Nesse sentido, estabelecer datas para presentear, por exemplo. Assim ela vai pensando o que escolher, fazendo planos e distinguindo o real desejo do desejo imediato;
- Amor e consumo – Quanto mais a criança pede, mais presentes recebe, menos satisfação manifesta. Quanto mais os pais compram mais querem se sentir-se amados, menos confirmação do amor recebem. Presentes são expressões de afeto e nunca substitutos. Neste ponto também é sugerido o rodízio semanal de brinquedo (estabelecer limites aos brinquedos); brincadeiras que envolvam a invenção de brinquedos a partir de sucatas; Acostuma-se a não ser adorado o tempo todo por seu filho pois ele precisa que você seja capaz de resistir às birras e não cair no suborno afetivo;

- Família que consome unida – Induzir o filho a participar do orçamento da casa. no preparo da lista e das compras ao supermercado.

O principal objetivo de se educar os filhos em relação a dinheiro deve se levá- lós a atingir maturidade financeira, ou seja, a capacidade de adiar desejos de agora em função de futuros benefícios. D'Aquino (2008, p. 18). É da natureza humana obter a satisfação imediata em todos os sentidos. A educação financeira para criança deve ser um projeto permanente, não existe idade certa para começar, a necessidade aparece na vida de todos os pais, normalmente junto com os famosos pedidos compra isso, quero aquilo.

Vilhena, (2011) diz que após lembrar que as crianças estão muito atentos a cada atitude nossa, procure desenvolver a inteligência financeira deles através de conversas informais sobre conceitos como pagamento à vista, a prazo, descontos, renda, mensalidade e etc. Compare valores mostrando a relação custo-benefício, fale da importância de poupar e dos perigos do consumismo. Sempre dentro de um clima agradável e respeitando a idade de cada um.

5.3 Instrumentos

5.3.1 Semanada e mesada

Segundo D'Aquino (2008, p.52), a mesada, poderoso instrumento da educação financeira, possibilita à criança a capacidade de ordenar o orçamento, definir escolhas para o dinheiro, desenvolver um plano de poupança, apresentar o be-a-bá das finanças.

A mesada só faz sentido se for dada com regularidade: Sempre do dia e quantia combinado para que a criança possa ser capaz de planejar gastos, organizar e ter controle de sua poupança. O cálculo sugerido para esta idade é de R\$1,00 por idade, por semana. Nunca use este instrumento como forma de castigo: “Se você

não melhorar suas notas eu corto sua mesada” ou “Só lhe darei a mesada se você me ajudar a arrumar a casa”. O objetivo é ensinar a criança a poupar, e para deixá-la viver as primeiras escolhas em relação ao dinheiro (D’Aquino, 2008, p. 52)

Dos 3 aos 10 anos de idade o ideal é a criança receber semanadas pois, nessa faixa etária, a noção de tempo é curto. Dos 3 aos 5 anos terá a função de habituá-las a esperar para receber e gastar o dinheiro. Deve ser fixado um dia e a disciplina de respeitar esse prazo para ensinar a lidar com a ansiedade e impulsividade. Sempre deve justificar o motivo da mesada (ou semanada) do dia do pagamento: “Esta mesada é para que você já saiba lidar com seu dinheiro quando crescer”. Isso indica que você não está dando simplesmente por dar e sim com o objetivo de aprendizado delegando responsabilidade (Id., 2008, p.53)

Para colocar o dinheiro é interessante que a criança use um pote de vidro transparente e com tampa para guardar uma parte da semanada. Assim a criança pode ver o dinheiro aumentando, descobrir o prazer de poupar e que quem poupa sempre tem. Os cofrinhos não é uma boa opção, pois impede de saber a quantidade que tem. É como se você fosse ao seu banco e não pudesse saber como andam seus investimentos (Id., 2008, p.54)

Dos 6 aos 10 anos os pais devem estimular a criança a registrar, todos os dias, seus gastos em um caderno que será usado somente para isso. “Tal registro possibilitará à criança dar concretude ao vai-e-vem financeiro” D’Aquino (2008, p. 58). A maioria das pessoas não descobre o motivo de suas dificuldades financeiras porque não entende os fluxos de caixa (Kioyosaki, 2000, p. 81).

“Saber gastar é uma habilidade tão importante quanto saber poupar” D’Aquino (2008, p. 61). Fique atento quando seu filho não gastar a mesada pois, a educação financeira resultará incompleta e sem equilíbrio. Segundo Kioyosaki (2000), a maioria das pessoas não percebe que na vida o que importa não é quanto dinheiro você ganha, mas quanto dinheiro você conserva.

A partir dos 11 anos pode induzir a mesada. Nesta fase a noção de tempo é maior. Importante acompanhar o valor da mesada com a idade. A sugestão é a mesma:

R\$1,00 por idade, por semana (vezes 4 agora porque é mensal). Uma das virtudes da mesada, quando bem dada e dosada é propiciar a criança que experimentem o susto e angústia de falir. Tendo aprendido as consequências do uso precipitado ou displicente do tão pouco dinheiro, os filhos, ainda que aos trancos, serão ensinados a evitar, no futuro, tropeços mais graves, com quantias significativamente maiores (D'Aquino, 2008, p.66).

Um dos pontos mais importantes nesse processo de aprendizagem é a falência. Se os pais adotam o sistema de mesada, estão dando chance aos filhos de, ocasionalmente, falirem. E se há uma fase boa na vida para ir a falência é na infância. Sem risco de ser processado, ver terminado o casamento, perder a casa ou passar pelo constrangimento de ter o nome incluído nas listas da Serasa ou SPC, falir com tão pouco dinheiro ensina a evitar as grandes falências na vida adulta, que envolveriam muito mais dinheiro e sofrimento (Id., 2008,p.67). Com essa situação a criança passará a ter mais controle e disciplina com seus gastos para não falirem novamente, um aprendizado para toda vida.

5.3.2 Livros e jogos

Existem livros e jogos que complementam a educação financeira. O Banco Imobiliário, por exemplo. Hoje esse jogo, acompanhando a modernidade, conta com os cartões de créditos nas transações.

Há também o Cashflow, um jogo de tabuleiro criado por Robert Kiyosaki, autor do best seller 'Pai Rico Pai Pobre'. O objetivo é desenvolver a inteligência financeira com soluções financeiras para transformar um real em milhares de reais.

Os livros são outra fonte de sabedoria. Existem livros de fábulas infantis direcionados a educação financeira como "João e o Pé de Feijão" e "A Cigarra e a

Formiga”. Estes passam conceitos de economia, como a importância de ser precavido e poupar (Machado¹⁵, 2006).

Os desenhos animados como O Tio Patinhas aborda a ideia de dinheiro na criança. “Não precisamos ser como o Tio Patinhas, mas temos que aprender a valorizar e utilizar melhor o nosso dinheiro desde que somos crianças” Machado (2006).

5.4 A falta de educação financeira na vida adulta

A falta de educação financeira, conforme Sousa e Torralvo (2008), reflete uma não valorização do dinheiro, acompanhada de um desperdício maior e desnecessário deste. Além disso, a falta de discernimento financeiro acaba influenciando outras áreas da vida social. Comportamentos agressivos e pessimistas, brigas e discussões na família podem estar associados a problemas financeiros.

Quando adulto, se enfrenta diversos problemas ligados ao dinheiro. Falar sobre dinheiro ainda é um tabu na vida da maioria das pessoas. Um casal, por exemplo, Segundo Cerbasi (2004, p. 6), “Grande parte dos problemas de relacionamento entre marido e mulher começa no dinheiro, no excesso ou na falta dele.”

A falta do dinheiro pode ser fruto de grandes transtornos para uma relação: Primeiro, o marido deixa de ser carinhoso e romântico porque não traz mais flores ou não convida mais para jantar, se não renova o guarda-roupa é visto como desleixo, se não leva as crianças para passear em um parque é visto como falta de carinho e atenção (Cerbasi, 2004, P. 6). Pesquisas¹⁶ informam que o fato de que 50% dos casais chegam ao fim por conta de divergências em relação a dinheiro (D’Aquino, 2008, p.10).

¹⁵ João Luís de Almeida Machado é Doutor em Educação pela PUC-SP; Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP). Autor do artigo As crianças e o dinheiro.

¹⁶ Pesquisa realizada pelo Citibank americano aponta que 57% dos casamentos terminam por desentendimentos relacionados ao dinheiro. (D’Aquino, 2008, p.10)

A falta de controle no orçamento financeiro é um fator decisivo para uma vida mais tranquila. Incluindo o problema do consumismo, que afeta adultos que acabam comprando compulsivamente e crianças e jovens em idade escolar, que deslumbradas pela publicidade, acabam, aliando seu bem-estar à aquisição de mais e mais produtos agravando ainda mais a situação financeira das famílias (Savoia et al, 2007)

Outro ponto que merece ser lembrado, causador de grandes tormentos na vida de uma pessoa são as dívidas. Segundo Resende (2010), com o aumento do consumo impulsionado pelo crédito, mais brasileiros ficam endividados e inadimplentes, de acordo com os dados divulgados pela CNC (Confederação Nacional do Comércio).

O aumento da inadimplência do Brasil nos últimos anos (pesquisa divulgada pelo Serasa em Maio de 2011) se deve a falta de educação financeira dos consumidores, principalmente às classes C e D (Pereira, 2011).

“Não adianta exigir atitudes maduras de seu filho, por exemplo, quando ele vai morar sozinho na época da faculdade. Não adianta ficar nervoso(a) quando a fatura do cartão de crédito dele é alta. Inútil pedir para que ele cuide bem do tênis novo, da mochila nova e que não desperdice comida. Eu pergunto para você: qual foi o modelo que ele assimilou nos primeiros anos da infância? Quais os valores que foram absorvidos a cada dia? Quais os ensinamentos financeiros e ecológicos que você transmitiu?” Vilhena (2011).

5.5 Importância da educação financeira na infância

“Não será pequena a diferença, então, se formamos nossos hábitos de uma maneira ou de outra desde a nossa infância; ao contrario, ela será muito grande, ou melhor, ela será decisiva.” Aristóteles (apud D’Aquino, 2008, p. 135). Nesse sentido, hábitos obtidos na infância são essenciais para toda nossa vida.

Quem aprende melhor a lidar com dinheiro: A criança se educada mais tenra idade ou o adulto que perdeu uma condição financeira estável e tranquila? Por várias vezes a criança porque se os pais adotam o sistema de mesada estão dando chance do filho, ocasionalmente, falir. Falir com tão pouco dinheiro ensina a evitar as grandes falências na vida adulta. (D'Aquino, 2003).

Conforme D'Aquino (2007), constrói-se as bases de nossa relação com o dinheiro até os cinco anos de idade. A partir daí, a tendência a repetir os mesmos padrões de comportamento, sem conseguir estabelecer modificações realmente consideráveis, vai se consolidando no decorrer da vida. Além de desenvolver um modo saudável, responsável e ético na relação com o dinheiro, a educação financeira para crianças prepara para desafios muito específicos ao tempo que vivemos. Assim sendo, por várias razões, a criança, educada financeiramente, aprende melhor a lidar com o dinheiro do que o adulto que perdeu uma condição financeira estável e tranquila.

É nos primeiros quatro ou cinco anos de idade que as crianças aprendem muitos dos valores morais ensinados. Elas começam a respeitar os outros e a ter consciência dos sentimentos e das necessidades das outras pessoas. Nos primeiros anos, a criança deve aprender a ter autoconfiança suficiente e a ter coragem de encarar o desafio. A melhor maneira de aprender é correndo o risco de errar. A vida das crianças não pode ser só de alegrias. Elas têm de experimentar o esforço ou o trabalho mediante recompensa (nem sempre imediata), pois senão poderão sofrer desapontamentos pelo resto de suas vidas, diz Sparrow¹⁷ (Apud Freitas)

As bases da educação financeira são transmitidas por meio de atitudes simples, na rotina do relacionamento entre pais e filhos. Atitudes cotidianas ajudam a criança a preparar-se para postergar desejos e suportar a espera em nome de benefícios futuros. Isso é essencial para relacionar-se bem com o dinheiro D'Aquino (apud Freitas).

Segundo Venilha (2011):

17 Joshua Sparrow é pediatra, professor da Universidade Harvard (Folha de S. Paulo, São Paulo, 22 nov. 2004, p. A14).

Como educadora, tenho a satisfação de afirmar que o sucesso financeiro de seu filho(a) virá do conhecimento. O sucesso a qual me refiro está relacionado ao uso consciente do recurso “dinheiro” e suas implicações/consequências. A aprendizagem é o caminho mais eficaz para que seu pequeno se transforme em um adulto capaz de lidar com o dinheiro de uma forma inteligente.

Conforme Pinheiro¹⁸, a educação financeira pode ajudar as crianças a compreender o valor do dinheiro e ensiná-las a gerir orçamentos e a poupar. Proporciona aos estudantes e aos jovens competências importantes que lhes permitam viver de forma independente. Permite que os adultos planejem grandes acontecimentos para sua vida, como a compra da casa própria, o sustento da família, o financiamento dos estudos dos filhos e a preparação para a aposentadoria.

Após ter contato com a Educação financeira as crianças mudam seu comportamento da água pro vinho. Percebe-se com facilidade como ficam mais cuidadosas com seus brinquedos, suas roupas e seu dinheiro. Todas passam a adotar cofrinhos, ficam atentas os preços das coisas, muitas abandonam ou reduzem o hábito de colecionar figurinhas e preencher álbuns, ficam mais atentas ao combate ao desperdício, preocupam-se mais com a natureza e combatem mais desperdícios como a água, energia e alimentos, demonstram maior maturidade e consciência com a importância da poupança para o seu futuro Modernell (2009, apud Pereira et al)

Decisões relacionadas à educação das crianças estão totalmente ligadas ao futuro das mesmas, e por isso, a preocupação dos pais deve ser redobrada. “Assim como ocorre no campo das finanças, escolhas ruins na educação mostrarão seus efeitos apenas no futuro” Cerbasi (2006 p. 31). Assim sendo, o modelo financeiro, estudado por Eker (2006) já descrito anteriormente, é formado na infância. Nesse sentido, o

18 Ricardo Pena Pinheiro é economista e demógrafo, com pós-graduação em finanças e atuária pela Faculdade de Economia e Administração da USP e doutor pela Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. É Auditor-Fiscal da Receita Federal do Brasil do Ministério da Fazenda. Foi Diretor de Assuntos Econômicos e atualmente exerce o cargo de Secretário de Previdência Complementar do Ministério da Previdência Social. É professor de pós-graduação em Previdência Complementar pela FGV-DF e autor do livro “A demografia dos fundos de pensão”, da coleção MPS, 2007. e-mail: spc.gab@previdencia.gov.br.

modo como manejamos nossa vida financeira foi, na sua maior parte, construído com o que ouvimos e vimos na infância.

A educação financeira proporciona a criança aprender a diferenciar necessidades de desejos e a perceber as possibilidades limitadas que o dinheiro pode atender. Elas devem aprender que podem sonhar um futuro financeiro melhor. Mas para realizá-lo, terão que aprender a fazer escolhas, a aproveitar oportunidades, a buscar formação e informação compatíveis com suas aspirações e muitas vezes a adiar desejos momentâneos para viabilizar a realização de algum objetivo importante. Terão que criar hábitos financeiros saudáveis que as afaste do consumismo desenfreado, mas ao mesmo tempo estimule-as a desfrutar dos prazeres que o dinheiro pode oferecer, sem tornarem-se escravas do dinheiro (Modernell, 2011)

Segundo D'Aquino (2008, p. 137), permitir que a criança aprenda a reconhecer e sustentar no correr das horas, dias, meses e anos o desejo que é o dela, não o nosso, vai torná-las, pouco a pouco, senhoras de suas escolhas. Esta é a síntese de ensiná-los (também) a lidar com dinheiro.

“O mundo cada vez mais exigente está aí e a vida precisa ser vivida com sabedoria. Nós, adultos, temos a grata responsabilidade de cuidar e formar o adulto de amanhã. Um adulto consciente e responsável formado sobre as bases sólidas do amor, carinho, compreensão e conhecimentos adquiridos em casa, na escola, nos livros e em sites qualificados. Enfim, um adulto inteligente e criado dentro do universo de saberes disponíveis” Vilhena, (2011).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a influência que o exemplo dos pais exerce sobre as crianças, que estes foram criados em um período onde não se falava em educação financeira, sendo que o assunto é relativamente novo no Brasil, despertou-se o interesse em explorá-lo, para conhecer sua amplitude, importância e impacto. Para investigação do assunto, formulou-se a seguinte hipótese: “A educação financeira, na fase de desenvolvimento, pode contribuir para uma relação equilibrada com o dinheiro, proporcionando à criança maiores chances de se tornar um adulto consciente no que tange às suas finanças e aliada a educação de qualidade formaríamos melhores cidadãos.

Utilizando-se de pesquisas bibliográficas e entrevista com especialista, foi possível compreender o processo de educação financeira e seus valiosos ensinamentos em relação ao dinheiro em longo prazo.

Uma criança aprende melhor a lidar com dinheiro quando detém de uma educação financeira, do que um adulto que teve que aprender com os erros pois a base do modelo financeiro são construídas na infância (em torno dos 5 anos de idade). Nesta fase ela vai correndo as impressões que serão levadas para toda vida. Nesta fase, se forma a maneira como ela percebe o dinheiro: como fonte de prazer, segurança, irritação, sofrimento, preocupação, a capacidade de se organizar como algo que traz benefício, ou como algo impossível.

O processo de educação financeira é longo. É ensinar uma criança para que, na fase jovem e adulta (quando obter nas mãos responsabilidades com a administração do dinheiro) ela saiba aplicá-la. Questão relacionada ao dinheiro está ligado a ensinamentos de organização, planejamento controle, responsabilidade, equilíbrio e, principalmente a ética formando melhores cidadãos. A criança exercita algo essencial como fazer escolhas: Gastar dinheiro é fazer uma escolha, juntá-lo é fazer uma escolha. Com isso ela tende a pensar antes de agir para fazer suas escolhas, passa a planejar, olhar o futuro, passado e o presente simultaneamente, criando sentimento de calma e menos ansiedade, segurança e confiança em si mesma.

Contudo, a educação financeira deve ser bem estruturada respeitando a fase de cada criança, estando atenta a crianças que não gastam, pois isso leva a uma educação financeira desequilibrada onde a criança se tornará um jovem e adulto avarento, não sabendo aproveitar as coisas boas da vida que o dinheiro pode proporcionar. E sempre atenta aos exemplos dados, a criança aprende com o que vê e o que ouvi. Os pais sempre ensinam mesmo quando não estão ensinando, de maneira errada, mas estão.

É necessário ressaltar que a educação financeira vem de casa, como qualquer educação. A família é a primeira responsável por esses ensinamentos. À escola cabe apenas a função de fortalecer esse ensinamento. Em uma entrevista com D'Aquino ela diz que o papel da escola é fazer com que os alunos sejam capazes de pensar de maneira crítica, de maneira autônoma, e interessada em encontrar soluções para seus problemas. Ganhar dinheiro é resolver problemas. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas de alguém, maior o dinheiro que ela possível a ganhar. No Brasil a educação financeira nas escolas é algo que ainda está saindo do projeto piloto.

A mesada é referência quando o assunto é educação financeira, esse instrumento, usado corretamente, ensina a criança a lidar com dinheiro e propicia o aprendizado de poupança, equilíbrio das despesas, planejamento e fidelidade. Ensinamentos valiosos para toda vida. Quem sabe lidar com R\$10,00 por mês saberá que lidar com R\$1.000,00, R\$10.000,00. Quem não sabe lidar com R\$ 10,00 por mês, a dificuldade só aumentará se o valor for maior.

O ato de educar é um ato de amor, só se educa a quem queremos bem. Como qualquer outra educação, a educação financeira não é diferente. Essa educação é muito mais do que ensinar a criança a lidar com o dinheiro, pois a parte monetária é pequena. A maior parte está ligada ao que se aprende através do dinheiro: Resolver problemas, fazer escolhas, a capacidade de se doar em tempo e talento, capacidade de se planejar, princípio da ética. No entanto, o conceito de Educação financeira no Brasil é distorcido. Muitos ligam como ficar milionário, a corrida pelo primeiro milhão, os livros de educação financeira são classificados com auto ajuda.

REFERÊNCIAS

Bíblia sagrada. São Paulo: Ave Maria, 1999.

CALDAS, Savana. Pais e mães enfrentam o consumismo infantil no Dia das Crianças. Out. 2011. Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org.br/posts/2011/outubro/pais-e-maes-enfrentam-o-consumismo-infantil-no-dia>>. Acesso em 25 Jun. 2012.

CERBASI, Gustavo. Casais inteligentes enriquecem juntos: finanças para casais. São Paulo: Gente, 2004.

CERBASI, Gustavo. **Filhos inteligentes enriquecem sozinhos**: Como preparar seus filhos para lidar com o dinheiro. São Paulo: Editora Gente, 2006.

CERBASI, Gustavo. **Pais inteligentes enriquecem seus filhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

CERVO, A.R. BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 5ª edição. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** – Porto Alegre: Artmed, 2001.

D'AQUINO, Cássia de. **A importância da educação financeira**. Fev. 2003. Disponível em: <<http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl34.htm>> Acesso em: 17 Nov, 2011.

D'AQUINO, Cássia de. **Educação financeira**. Como educar seus filhos .Rio de Janeiro: Elsevier, 2008

D'AQUINO, Cássia de. **Educação financeira infantil** Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2012. Entrevista concedida à Débora Patrícia de Souza.

D'Aquino, Cássia de. **História do dinheiro**. Abril, 2008. Disponível em: http://www.monitorinvestimentos.com.br/aprendizado.php?id_aprendizado=43. Acesso em 20 Fev. 2012.

D'AQUINO, Cássia de. **O que é educação financeira**. Disponível em:
<http://www.educfinanceira.com.br/conteudo.asp?id_conteudo=2>
Acesso em: 10 Nov, 2011.

DSOP - **Educação financeira**. Disponível em: <http://www.dsop.com.br/em-que-atuamos/educacao-financeira-nas-escolas.html>. Acesso em 16 Maio 2012.

EKER, T. H. **Os segredos da mente milionária**: aprenda a enriquecer mudando seus conceitos sobre dinheiro e adotando os hábitos das pessoas bem-sucedidas. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

FERRARI, Márcio. **Aprendizagem**. Disponível em:
<<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/friedrich-froebel-307910.shtml>>. Acesso em: 01 Ago. 2011.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro** – 16ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FREITAS, Newton. **Educação financeira infantil**. Disponível em:
<[HTTP://www1.folha.uol.com.br/fofha/equilibrio/noticias/ult263u4226.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fofha/equilibrio/noticias/ult263u4226.shtml)>. Acesso em: 03 Fev. 2012.

Folha. Com. **Pesquisa mostra criança brasileira como a mais estressada do mundo**. Nov. 2006. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/equilibrio/noticias/ult263u4226.shtml>. Acesso em 15 Maio 2012.

GUIRALDELLI, Junior Paulo. **História da educação**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HILL, N. **Quem pensa enriquece**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2009.

NICÁRIO, Adriana. **Educação financeira para crianças e adolescentes**. Set. 2011. Disponível em:
<http://www.istoe.com.br/reportagens/156745_educacao+financeira+para+criancas+e+adolescentes>. Acesso em: 17 Abr. 2012.

KIOYOSAKI, Robert T.; Lechter, S.L. **Pai Rico, pai pobre: O que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro.** Ed. 66°, Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

LIMA, Sandra Vaz de. **Educação infantil no mundo.** Maio 2009. Disponível em : <<http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/a-educacao-infantil-no-mundo-942990.html>>. Acesso em: 29 Mar. 2012.

MACHADO, João Luís de Almeida. **As crianças e o dinheiro.** Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/impressao.asp?artigo=686>> . Acesso em: 21 Jun. 2012.

MODERNELL, Álvaro. **Por que educação financeira para crianças?** Disponível em: <<http://www.maisativos.com.br/index.php?ac=leiamais&ar=50>>. Acesso em: 19 Jan. 2012.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **História da educação infantil no Brasil: Avanços retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.** Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/33/art05_33.pdf>. Acesso em: 15 Mar. 2012

PEREIRA, Débora Hilário (*et al.*). **A educação financeira infantil seu impacto no consumo consciente.** 2009. 75 f. Monografia (Bacharel em Administração) – Faculdades Integradas Campos Salles, São Paulo, 2009.

PINHEIRO, Ricardo Pena. **Educação financeira e previdenciária: A nova fronteira dos fundos de pensão.** Disponível em: <http://www.mps.gov.br/arquivos/office/3_090420-113416-244.pdf>. Acesso em 11 Abr.2012.

RESENDE, Tatiana. **Cresce número de famílias endividadas e inadimplentes no país.** Maio, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u737511.shtml>. Acesso em 23 Jun. 2012.

PEREIRA, Ricardo. **O aumento da inadimplência no Brasil: sobram desejos e falta educação financeira.** Maio, 2011. Disponível em: <<http://dinheirama.com/blog/2011/05/12/o-aumento-da-inadimplencia-no-brasil-sobram-desejos-e-falta-educacao-financeira/>>. Acesso em 23 Jun. 2012.

ROCHA, Ricardo Humberto.**Educação financeira em pauta.** Disponível em:

<<http://www.hsm.com.br/artigos/educacao-financeira-em-pauta>>. Acesso em: 10 Nov. 2011.

SANTOS, Denilson Garcia dos. **Minhas dicas sobre finanças pessoais**. Disponível em: <www.financasonline.org>. Acesso em: 10 Dez. 2011.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. **Paradigmas da educação financeira no Brasil. Rio de Janeiro, Dez. 2007**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122007000600006&script=sci_arttext>. Acesso em 01 Maio 2012.

VIDA E DINHEIRO. **ENEF – Estratégia nacional de educação financeira**. Disponível em: < <http://www.vidaedinheiro.gov.br/Enef/default.aspx>>. Acesso em 20 Fev. 2012.

SOL, Solguara. **Relação entre escola e capitalismo**. Nov. 2010. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/redacoes/2613202> >. Acesso em: 17 mar. 2012.

SOUSA, A.F.; TORRALVO, C.F. **Aprenda a administrar o próprio dinheiro**. São Paulo: Editora Saraiva, 2008. 160 p.

VILHENA, Bernadette. **O sucesso financeiro dos seus filhos virá do conhecimento**. Set. 2011. Disponível em: <<http://dinheirama.com/blog/2011/09/27/o-sucesso-financeiro-de-seus-filhos-vira-do-conhecimento/>>. Acesso em 04 Maio 2012

APÊNDICE - Questionário para especialista em educação financeira (Q1)

Entrevista¹⁹ feita para conhecer a respeito da educação financeira infantil na visão da especialista Cássia D'Aquino.

1) Qual a sua definição para educação financeira infantil?

É a capacidade, possibilidade de ensinar a criança aqueles quatro pontos que eu uso sempre como referencia. Que ela seja capaz de aprender a ganhar dinheiro, ou seja, que ela seja capaz de resolver problemas, ganhar dinheiro é resolver problemas. Em tese, quanto maior a capacidade de resolução de problemas de alguém, maior o dinheiro possível a ganhar. Ensinar a criança a ser capaz de poupar: Poupar é a capacidade de planejar no tempo a realização de um desejo, se há um benefício nesse adiamento. Ensinar a gastar dinheiro: Gastar dinheiro é fazer escolhas. Então, a educação financeira precisa fazer bom uso do estímulo que as crianças se apercebam das escolhas dessa fase, das consequências dessa escolha. A educação financeira inclui dar as crianças condições de perceberem que elas são capazes de se doar em tempo e talento. Mas tudo isso tem que ser abrigado sob a convicção de que todo ganho e todo uso do dinheiro deve ser regido pela mais estrita ética. É essa convicção que abre portas para todos os outros tratamentos do assunto, todo ganho do dinheiro deve ser regido pela mais absoluta ética.

2) Sabe-se que a educação financeira no financeira no Brasil é algo extremamente recente. Como vem sendo sua evolução?

Vem exibido com relevância. É uma pergunta interessante porque isso não significa propriamente que tenha ganhado em importância, ou seja, muitas vezes eu tenho a impressão que as pessoas são confusas sobre o que é educação financeira. Há uma espécie de aflição para aprender sobre o assunto, mas muitas vezes isso é confundido, por exemplo, com estilo de literatura de autoajuda do tipo como ficar milionário. Há muita confusão em relação ao assunto. Agora... Eu percebo que, sobretudo os pais tem interesse que os filhos venham aprender alguma coisa que

19 - Entrevista feita por Skype dia 10 de Maio de 2012 com Cássia D'Aquino.

eles, adultos, não aprenderam e isso é bastante claro que esse é o interesse que eu percebo que ganhou muita importância. Há algumas outras áreas nas empresas que, frequentemente chama de educação financeira alguma coisa que pode ser entendida muito mais como ensinar as pessoas a pagarem as dívidas e isso, apenas isso, não constitui educação financeira. É outra distorção do assunto.

- 3) Quais alterações a criança tem em seu comportamento após entrar em contato com a educação financeira?

Como em qualquer área de conhecimento isso vai depender muito da qualidade do que essa criança receba. E aí então, por exemplo, pegar um caso que pudesse representar uma distorção, que fosse um equívoco, e que significasse que alguém tomasse por educação financeira que fosse um estímulo que a criança se tornasse atenta ao dinheiro e quase obcecada pelo assunto. Isso produziria um determinado resultado quer você queira uma criança que mimetiza um comportamento de tamanha atenção em relação ao dinheiro que é uma preocupação, a criança fica uma ideia de educação financeira bem pensada, educada traduz no comportamento da criança, em primeiro lugar, uma calma muito maior, as crianças gostam de ter medidas, mais do que limites, elas gostam de saber controlar o tempo, gosta de saber quando as coisas vão ou não vão acontecer, tudo isso ajuda a criança que ela psicologicamente encontre sossego. Então a primeira indicação é que a criança fica mais calma e tranquila e, em segundo lugar, mais interessada em encontrar objetivos para o dinheirinho dela mais também na vidinha dela. Ela percebe essa responsabilidade como uma confiança que os pais têm nela. Para a criança isso é muito importante.

- 4) Conforme analisado, a criança aprende com o que vê e o que ouve principalmente dos pais, que são os mais próximos. Pais que não possuem nenhum tipo de educação financeira a criança pode aprender por si só?

Isso é muito interessante porque as crianças, de fato, elas aprendem o modelo predominante na educação das crianças são os pais. Especialmente a criança pode, por compensação, desenvolver um comportamento oposto. Vamos imaginar, por exemplo, que uma criança tenha pais que sejam completamente responsáveis em

relação a grana, essa criança pode desenvolver por compensação um comportamento que eventualmente poder ser de tamanha diferença que ela se torne, por exemplo, uma criança avara. Ou ao contrário, uma criança que seja filhos de pais pão duros e essa criança desenvolva um comportamento oposto que é o completamente displicente em relação a grana. De maneira geral, a gente segue o modelo dos pais, ou seja, mesmo quando os pais não percebem estão educando, mesmo que isso resulte num modelo inverso. Ou são os pais ou será algum adulto muito próximo dessa criança. Ninguém se educa, a gente é educada por alguém: Pelos adultos que cercam a gente e pelas circunstâncias, é claro, que vão se acumulando no tempo.

- 5) A educação financeira na infância pode contribuir para a base de uma relação equilibrada com o dinheiro na vida adulta? Criar base, em sua opinião, mais como uma certeza ou hipótese?

Nem uma nem outra, é mais como uma possibilidade do que uma convicção. É muito mais importante, sem dúvida nenhuma, os exemplos dos pais do que a ideia, por exemplo, que uma criança possa ver sobre o assunto na escola. Nesse sentido, o que prepondera é o que os pais vão transmitir, mesmo que isso possa ser compreendido como uma deseducação, em certo sentido, a palavra não existe nem se aplica, mais se os pais fizessem tudo errado não estão ensinando nada. Sim eles estão ensinando do jeito errado deles. Então, eu acho que é um componente da educação isso, as crianças serem bem educada em relação ao dinheiro mais, quase sempre, aliás, frequentemente é muito mais do que ensinar a criança a lidar com o dinheiro. A parte monetária do assunto é muito pequena, a maior parte do tema relacionado a educação financeira fala de outras coisas e, nessa perspectiva, a possibilidade que uma criança seja educada em relação ao dinheiro e aí voltamos aquela discussão, do que é educação financeira e do que é educação financeira de qualidade. A questão toda é encontrar a definição que seja adequada e situar, do ponto de vista da qualidade, a eficácia que é a educação financeira. Tem muita porcaria por aí.

- 6) Quais os reflexos da educação financeira, de qualidade, na fase de desenvolvimento da criança, na vida adulta?

Em primeiro lugar, há alguns estudos que mostram uma relação muito clara entre uma criança, a que foi bem educada em relação ao dinheiro, com todas as ressalvas, eu sou obrigada em insistir do que é uma boa educação financeira, e o desempenho escolar dessa criança ainda na infância e depois na adolescência e também na vida adulta. O desempenho escolar porque isso lhe dar bem com o dinheiro, compreendido que você, claro, que não se espera que uma criança seja uma financista, nem faria nenhum sentido. E compreendendo quais são as possibilidades dela, de manejo do dinheiro, de identificar quais são os desejos que elas tem, a capacidade dela suportar as frustrações, tudo isso a educação financeira possibilita. E isso transpôs no mundo da escola para o mundo acadêmico faz com que a criança se torne mais consciente do que ela quer e do que ela gosta. E isso, claro, além de trazer muito mais calma à criança, faz com que ela se torne mais atenta as próprias necessidades. Essas mesmas crianças tem muito menor envolvimento com drogas, com a prática de sexo seguro.

- 7) Em seu livro, você afirma que a base do nosso modelo financeiro são construídos por volta dos 5 anos de idade. Essa afirmação é baseada em que?

Isso é muito conhecido, as pessoas se espantam porque menciona o dinheiro. Isso é Freud. É a dúvida que todo mundo tem, é interessante, porque, quando você pensa assim, por exemplo, a sexualidade da criança fica formada também nessa fase. As bases do desenvolvimento cognitivo da criança ficaram formadas nessa fase. E quase tudo que a gente se torna na vida adulta ficou formado nessa fase. É a maneira como você percebe o dinheiro: Como fonte de prazer, como fonte de preocupação, como fonte de irritação ou como fonte de sofrimento, a capacidade de se organizar como uma coisa que traz benefício, ou que é impossível, enfim, é nesse momento que se vai colhendo as impressões, e essas impressões, é que a gente arrasta pra vida toda.

- 8) Em seu livro você cita que a escola não tem obrigação de passar educação financeira para a criança, que essa função é dos pais. Qual o papel da escola na educação financeira infantil?

Fazer com que a criança e os jovens se deem conta que não dá pra confundir dinheiro com consumo. E ao mesmo tempo perceber que o dinheiro não pode ser o ator principal na vida da gente, mas que a gente tem que dar a ele alguma atenção, porque se você não der o dinheiro rouba a cena. Então o dinheiro não pode ser a coisa mais importante mais é preciso dar a ele a atenção que ele merece. Além do mais a escola tem um papel, eu acho que as escolas estão tão desgarradas da vida dos alunos, há um papel importante do sentido de explicar e de ensinar e insistir na inter independência que se estabelece entre os vários processos de economia, sociais e econômicos, mas, principalmente, eu acho que a escola precisa estimular os alunos a resolverem problemas. Não são problemas matemáticos não, mas os alunos serem capazes de se tornarem pessoas autônomas, capazes de refletir sobre a maneira de como vão ganhar dinheiro, como vão gastar dinheiro, como vão poupar dinheiro, como vão doar tempo e talento, isso é o papel da escola, em minha opinião: Fazer com que os alunos sejam capazes de pensar de maneira crítica, de maneira autônoma, e interessada em encontrar soluções para seus problemas.

- 9) No mundo atual, com o consumismo excessivo; a forma como a publicidade influencia na vida da criança; a estrutura no modelo familiar onde os pais trabalham o dia todo carregando o sentimento de culpa por não estarem presentes no dia a dia dos filhos e começa a fazer todas as vontades dos filhos na tentativa de preencher este espaço; até mesmo pela história do Brasil for não possibilitado o hábito de educação financeira, além desses, quais outros motivos a educação financeira é essencial para uma criança?

Tem muitas coisas que você citou que são muito interessantes, de fato, e algumas muito intrigantes. É curioso que, na Alemanha, por exemplo, a maior parte dos pais, numa proporção muito maior que no Brasil, que os pais trabalhem fora e, no entanto, as crianças alemãs são muito menos consumistas que as nossas. Há alguma coisa estranha que os nossos pais brasileiros se proclamem tão culpados. É o tipo de coisa que muitos pais gostam de dizer: Eu faço isso porque sinto culpa. É curioso porque em outros países essa culpa não acontece. Eu não tenho certeza, sinceramente, se isso seja uma culpa ou que é só uma tentativa de garantir, vou

usar uma colocação mais forte, uma tentativa de subornar os filhos. Eu acho que a história é um pouquinho diferente.

Mas há um aspecto que a gente não pode perder de vista que tem a ver com o fato que a população tem envelhecido cada vez menos. A medicina diz, com mais frequência agora que, que as crianças, essa geração está crescendo agora, vai viver, possivelmente, até os 120, 130 anos. Então esse "pessoalzinho" vai precisar ter uma excelente poupança para poder se fazer amadora da vida. Além disso, no mundo inteiro, o mercado de trabalho tem encolhido. Isso significa que mais gente, vivendo mais tempo, disputando vagas no mercado de trabalho. É quase certo que esses jovens vão viver muitas situações de desemprego, de eventual mudança de carreira, de reinício de carreira, de invenção de carreira, e para tudo isso é preciso de algo que ajude a segurar a onda.

E por fim, há um aspecto que me preocupa que é o fato dessas condições do mercado de trabalho, exigem cada vez mais que os jovens sejam capazes de desenvolver aqueles problemas mencionados que a escola tem obrigação de colaborar, de estimular habilidades dos alunos e isso, a resolução de problemas, a capacidade de resolver problemas é quase que a tradução que a educação financeira. A educação financeira é justamente essa possibilidade de resolver os problemas, de resolver com competência, com eficácia, de maneira consequente com seus interesses.

- 10) Com a educação financeira, na fase de desenvolvimento, a criança terá maiores chances de se tornar um adulto consciente, no que tange as finanças. E aliada a uma educação de qualidade, formaríamos melhores cidadãos. Você concorda?

Sem dúvida nenhuma. É isso que me faz prosseguir no esforço de trabalhar, é essa convicção.